



Especialização em
Educação Inclusiva

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

*Leandro Viana
Silva*

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

*Leandro Viana
Silva*



PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Jair Messias Bolsonaro

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Victor Godoy Veiga

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Mauro Luiz Rabelo

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Tomás Dias Sant'Ana



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Norte

REITOR

José Arnóbio de Araújo Filho

PRÓ-REITOR DE PESQUISA E INOVAÇÃO

Avelino Aldo de Lima Neto

CAMPUS AVANÇADO NATAL - ZONA LESTE

DIRETOR-GERAL

José Roberto Oliveira dos Santos

DIRETOR DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA EDUCACIONAL

Wagner de Oliveira

**COMITÊ EDITORIAL DA DIRETORIA DE EDUCAÇÃO
A DISTÂNCIA E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS –
CAMPUS AVANÇADO NATAL - ZONA LESTE/IFRN**

PRESIDENTE

Wagner de Oliveira

MEMBROS

José Roberto Oliveira dos Santos
Albérico Teixeira Canario de Souza
Glácio Gley Menezes de Souza
Wagner Ramos Campos

SUPLENTE

João Moreno Vilas Boas de Souza Silva
Allen Gardel Dantas de Luna
Josenildo Rufino da Costa
Leonardo dos Santos Feitoza

EQUIPE | PRODUÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO DA ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA.

COORDENADORES DA ELABORAÇÃO DO MATERIAL

Gueidson Pessoa de Lima
Wagner de Oliveira
Thiago Medeiros Barros

REVISORES DE LINGUAGEM E ABNT

Rodrigo Luiz Silva Pessoa
Wagner Ramos Campos
Maria Valesla Rocha da Silva

AUTOR

Leandro Viana Silva

DIAGRAMADOR

Rodrigo Ribeiro de Sousa Galvão

REVISORA DE CONTEÚDO

Katiene Symone de Brito Pessoa da Silva

S586i

Silva, Leandro Viana.

Introdução aos estudos da língua brasileira de sinais. / Leandro Viana Silva, – 2022.
92 f. ; 30cm.

Guia (Projeto Instrucional – Especialização em Educação Inclusiva). Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal (RN), 2022.

ISBN: 978-65-84831-27-8

1. Educação 2. Guia 3. Educação Inclusiva 4. Pós-Graduação I. Título.

CDU: 376-056.262

Catálogo na publicação pelo Bibliotecário-Documentalista
Ezequiel da Costa Soares Neto CRB15/613
Biblioteca Sebastião Názaro do Nascimento (BSNN) – IFRN


editoraifrn  **Didáticos**

CONTATO

Endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol.

CEP: 59015-300, Natal-RN.

Fone: (84) 4005-0763 | **E-mail:** editora@ifrn.edu.br

Prefixo editorial: 94137

Linha editorial: Material Didático


Disponível para download em: <http://memoria.ifrn.edu.br>




SUMÁRIO

PALAVRAS DO PROFESSOR-AUTOR	07
PROJETO INSTRUCIONAL	08
ROTEIRO DE ESTUDO	09
MAPA CONCEITUAL	10
INTRODUÇÃO	11
CURRÍCULO SINTÉTICO DAS PROFESSORAS-AUTORAS	12
▶ AULA 1 - A SURDEZ E A LÍNGUA DE SINAIS	13
CONTEÚDO E SEUS DESDOBRAMENTOS	14
A SURDEZ E SUAS CARACTERÍSTICAS	14
SURDO OU DEFICIENTE AUDITIVO?	18
A LÍNGUA DE SINAIS	20
O ALFABETO MANUAL	22
O ALFABETO MANUAL	22
ATIVIDADES INTEGRADAS	28
Mitos sobre a Língua de Sinais	28
Boas Práticas	31
SÍNTESE DA AULA	32
LEITURAS COMPLEMENTARES	33
AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM	34
REFERÊNCIAS	35
▶ AULA 2 - A HISTÓRIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	36
CONTEÚDO E SEUS DESDOBRAMENTOS	37
A ORIGEM DA LIBRAS	37



A Libras no século XIX	37
Huet e a fundação do INES	39
A morte de Huet	44
O reconhecimento da Libras	45
SÍNTESE DA AULA	48
LEITURAS COMPLEMENTARES	49
AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM	50
Atividade para Reflexão	50
Dia Nacional do Surdo	50
Boas Práticas	50
Atividade para Reflexão	52
Indicação de Link	52
REFERÊNCIAS	53
 AULA 3 - FILOSOFIA EDUCACIONAIS PARA SURDOS	56
CONTEÚDO E SEUS DESDOBRAMENTOS	56
AS INTERPRETAÇÕES ACERCA DA SURDEZ	57
A PERSPECTIVA DOS FILÓSOFOS SOBRE OS SURDOS	57
AS PRINCIPAIS FILOSOFIAS DE EDUCAÇÃO DE SURDOS	60
ORALISMO	62
COMUNICAÇÃO TOTAL	65
BILINGUISMO	
Boas Práticas	71
Atividade para Reflexão	71
Indicação de Filmes	71

Indicação de Bibliotecas Digitais	71
SÍNTESE DA AULA	72
LEITURAS COMPLEMENTARES	73
REFERÊNCIAS	74
 AULA 4 - A FORMAÇÃO DOS SINAIS	75
CONTEÚDO E SEUS DESDOBRAMENTOS	76
A LIBRAS E A ORGANIZAÇÃO DOS SINAIS	76
A CONSTITUIÇÃO DOS SINAIS NA LIBRAS	77
ATIVIDADE DE APRENDIZAGEM	87
TRAÇOS ICÔNICOS NA LÍNGUA DE SINAIS	87
Boas Práticas	91
Indicação de Aplicativo	91
REFERÊNCIAS	92



PALAVRA DO PROFESSOR

▶ Caro(a) estudante,

Nesta disciplina, iniciaremos um importante diálogo sobre a educação de surdos, o sujeito surdo e a Libras. Esta temática, como o próprio nome da disciplina sugere, será discutida principalmente no contexto nacional, visando, sobretudo, a inclusão educacional da pessoa surda.

A disciplina possui uma carga horária de 60h/a. Para se organizar o estudo, ela está distribuída em quatro unidades. Cada uma delas segue um padrão de combinação de figuras, vídeos e textos em português, bem como apresentações por meio de hipertextos básicos, links, vídeo, chat, atividades, sugestões de referências e animações.

De modo geral, os estudos que aqui serão realizados, contemplarão a Surdez e a Língua de Sinais, a história da Língua Brasileira de Sinais, as Filosofias Educacionais para os Surdos e, ainda, formação dos sinais na Libras. Dessa maneira, vamos acompanhar com atenção as discussões, para que possamos fazer desse momento uma oportunidade para adquirirmos novos saberes.

PROJETO INSTRUCIONAL

- ▶ Em atendimento aos elementos previstos na ementa, no programa da disciplina Introdução aos Estudos da Língua Brasileira de Sinais e no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Especialização, aprovado pelo Conselho Superior do IFRN, elaboramos este material. Assim sendo, destacamos que os conteúdos deste material foram desenvolvidos a partir das características da modalidade de educação a distância, para a pós-graduação.

Desse modo, apresentamos a seguir a organização dos conteúdos e dos objetivos para cada aulas:

AULA 1: A surdez e a Língua de Sinais

- Refletir sobre os mitos referentes à língua de sinais;
- Reconhecer as distinções conceituais entre Surdo e Deficiente Auditivo;
- Compreender as diferenças de perdas auditivas, suas características e implicações na pessoa surda;
- Discutir a relação do surdo com a língua de sinais; e
- Empregar o alfabeto manual da Libras;

AULA 2: A história da língua brasileira de sinais

- Conhecer o percurso histórico da Língua Brasileira de Sinais e a maior referência na institucionalização da educação de surdos no Brasil;
- Compreender o processo de reconhecimento da Libras; e
- Refletir sobre a importância e o significado do Dia Nacional do Surdo.

AULA 3: Filosofia educacionais para Surdos

- Compreender historicamente quais eram as concepções sobre a surdez;
- Conhecer as filosofias educacionais usadas na educação de surdos; e
- Analisar os impactos das filosofias educacionais para a pessoa surda.

AULA 4: A formação dos sinais

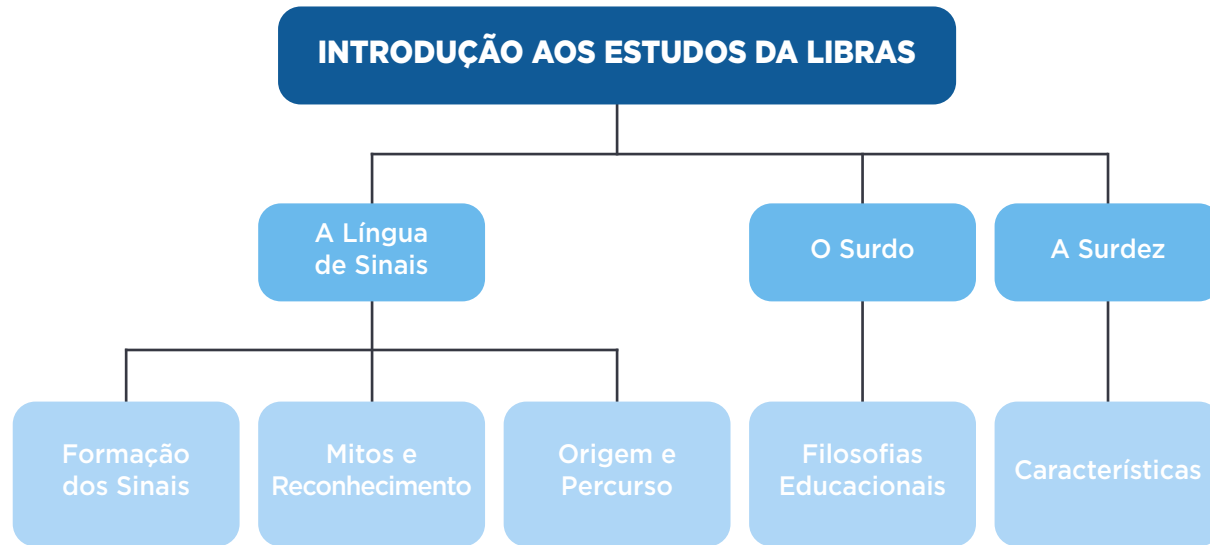
- Explicar como se constituem os sinais na Libras; e
- Conhecer algumas motivações nas criações dos sinais.

ROTEIRO DE ESTUDO

▶ A disciplina Introdução aos Estudos da Língua Brasileira de Sinais utiliza como procedimentos metodológicos: videoaulas e/ou videoconferências, fórum e chats de discussão, aulas práticas dialogadas, estudo de textos e atividades dirigidas em grupo e/ou individual, pesquisas e utilização de filmes, atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) - Moodle, dentre outros. Cabe destacar que no AVA você será integrante e participante de uma rede de aprendizagem colaborativa, tendo como base os princípios de interação, colaboração e cooperação entre os agentes envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

Quanto às propostas de avaliação presentes neste material, também seguem os critérios mencionados no PPC do Curso, ou seja, a avaliação será aplicada para constatar os conhecimentos dos alunos em nível conceitual, procedimental e atitudinal, para detectar erros, corrigi-los, não se buscando simplesmente registrar desempenho insatisfatório ao final do processo. Uma vez que avaliar está relacionado com a busca de uma aprendizagem significativa para quem aprende e para atender às necessidades do contexto atual. Nesse sentido, a avaliação será desenvolvida numa perspectiva processual e contínua, buscando a reconstrução e construção do conhecimento e o desenvolvimento de hábitos e atitudes coerentes com a formação de professores.

MAPA CONCEITUAL



INTRODUÇÃO

▶ A Língua Brasileira de Sinais tem ganhado bastante visibilidade por meio da mídia nesses últimos anos. Atualmente, tem sido muito comum vermos sua utilização em espaços como universidades, escolas, shows, cultos religiosos, eventos acadêmicos, lives e até em programas televisivos. E juntamente a essas aparições surgem muitas curiosidades a respeito dessa língua e dos seus usuários.

Nesse material, além das muitas curiosidades, abordaremos muitas questões conceituais, como por exemplo, a distinção entre Surdo e Deficiente Auditivo e diversos mitos que giram em torno da língua de sinais e do próprio surdo. Você conhecerá também a relevância da língua de sinais para os surdos, assim como o alfabeto manual usado na Libras e seus contextos de uso. Vamos ainda entender o percurso histórico da criação da língua de sinais aqui no Brasil, a maior referência na institucionalização da educação de surdos no país e também o processo de reconhecimento da Libras.

Abordaremos quais eram as concepções sobre a surdez, de acordo com a visão de alguns filósofos, quais as diferentes filosofias educacionais usadas na educação de surdos e seus impactos, e qual filosofia é utilizada atualmente. E por último, discutiremos sobre constituição dos sinais na Libras, discriminando as unidades mínimas que os compõem e suas motivações por trás da criação dos sinais.

Por fim, nossa intenção é que esse estudo possa despertar ainda mais profissionais para se aprofundar nos estudos sobre a língua brasileira de sinais, pois como o próprio nome da disciplina já sugere, trata-se aqui apenas de uma introdução aos estudos dessa língua.

CURRÍCULO SINTÉTICO DO PROFESSOR-AUTOR

▶ **Leandro Viana Silva**

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Natal - Zona Leste. Mestre em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal de Goiás - UFG (2019). É especialista em Braille e Libras pela Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI (2017) e licenciado em Letras: Libras pela Universidade Federal de Goiás (2017). Aprovado no Exame Nacional de Certificação de Proficiência em Língua Brasileira de Sinais - Libras - PROLIBRAS, na modalidade: proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa/Libras (2015). E participa como membro colaborador do grupo de pesquisa do Laboratório de Leitura e Escrita em Língua de Sinais - LALELIS.



AULA 1

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Nesta aula, discutiremos os conceitos de Surdo e Deficiente Auditivo, aspectos relacionados à surdez como os seus vários graus de perda auditiva, desde a perda auditiva leve até a profunda. Neste nosso encontro, conheceremos um pouco sobre a língua de sinais e sua relevância para os surdos, assim como o alfabeto manual da Libras e seus contextos de uso. Além disso, abordaremos ainda questões relacionadas aos mitos sobre a língua de sinais. Os objetivos desta aula são:

- Refletir sobre os mitos referentes à língua de sinais.
- Reconhecer as distinções conceituais entre Surdo e Deficiente Auditivo;
- Compreender as diferenças de perdas auditivas, suas características e implicações na pessoa surda;
- Discutir a relação do surdo com a língua de sinais;
- Empregar o alfabeto manual da Libras;

Especialização em
Educação Inclusiva

A SURDEZ E A LÍNGUA DE SINAIS



CONTEÚDO E SEUS DESDOBRAMENTOS

▶ A SURDEZ E SUAS CARACTERÍSTICAS

No Brasil, de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010, há cerca de 10 milhões de brasileiros que têm alguma deficiência auditiva, o que equivale a aproximadamente 5% da população.

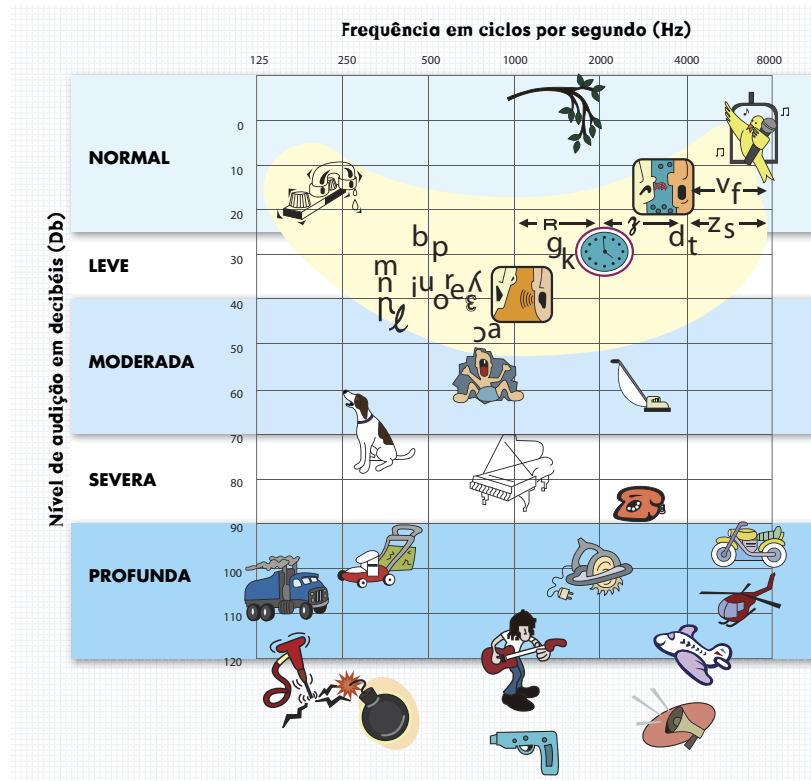
A perda auditiva é uma condição que pode, a qualquer momento, afetar qualquer pessoa ao longo de sua vida, não é verdade? Existem vários tipos de surdez: relacionada com a idade, por medicamentos, causada por perfuração de tímpano, por infecções, por alterações na tireoide, a congênita, a transitória e ainda a PAIR (Perda Auditiva Induzida Por Ruído).

Dentre os vários tipos de surdez, há também diferentes categorias de surdez, que se baseiam a partir do nível da perda auditiva, ou grau da perda auditiva, podendo ser classificadas em: audição normal, perda auditiva leve, moderada, severa e profunda. Observe, os graus de perda auditiva e seus respectivos níveis em decibéis.

- De 0 dB a 25 dB - audição normal;
- De 26 dB a 40 dB - perda auditiva leve;
- De 41 dB a 70 dB - perda auditiva moderada;
- De 71 dB a 90 dB - perda auditiva severa;
- Acima de 90 dB - perda auditiva profunda.

Na figura 1, a seguir, apresentamos um audiograma que revela o que o ser humano ouve nos diferentes níveis de audição. Observe que nele, há uma área que se assemelha à forma de uma banana, por isso, essa região recebe o nome de “banana da fala”, termo usado para descrever a área onde a maioria dos sons da fala conversacional ocorre, isto é, onde estão localizados os sons necessários para a compreensão da fala.

Figura 1 - Audiograma de sons familiares



Fonte: <http://www.surdez.org.br/imageBank/gravperdaauditiva.pdf>

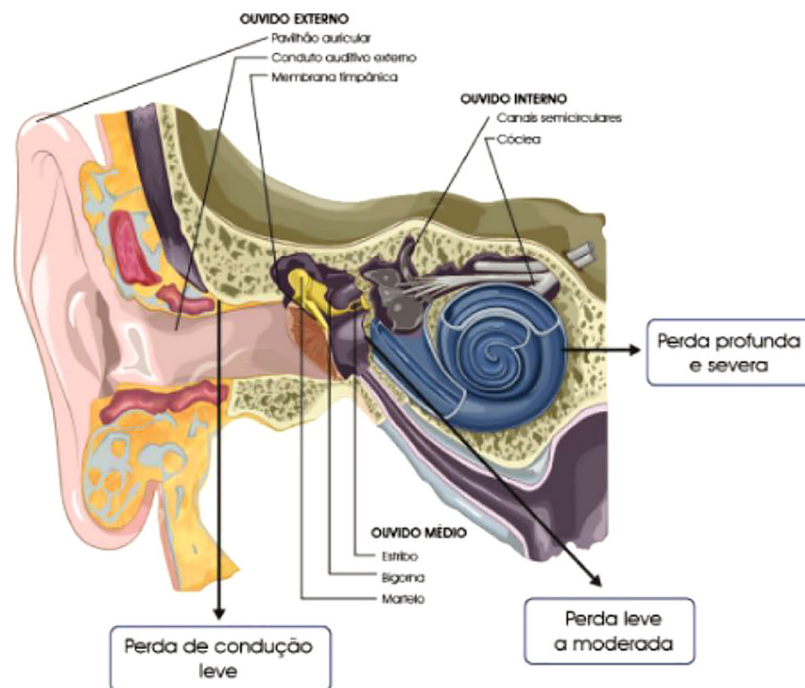
Os resultados do teste de audição podem ser transferidos para este gráfico para mostrar quais sons são inaudíveis (acima / mais baixos que os limiares auditivos) e audíveis (abaixo / mais alto que os limiares auditivos). A perda auditiva, seja ela maior ou menor, compromete a percepção normal dos sons, com isso, de acordo com os diferentes graus da perda da audição, verifica-se a existência de várias pessoas com deficiência auditiva.



Cabe lembrar que, alguns fatores podem influenciar a forma e o tipo de atendimento que a pessoa com perda auditiva receberá, por exemplo, o grau e o tipo da perda de audição, assim como a idade em que esta ocorreu, são importantes diferenças que determinam o tipo de atendimento.

Vamos conhecer agora a descrição detalhada das perdas auditivas em relação a cada região do ouvido interno, externo e médio.

Figura 2 - Topografia das perdas quanto ao ouvido



Fonte: MAIA (2007)



Desse modo, do ponto de vista educacional, apresentamos alguns aspectos importantes, destacados por Rinaldi (1997), relacionando características comuns dos tipos de estudantes vinculadas aos graus de perda auditiva.

a) Surdez leve - aluno que apresenta perda auditiva de até 40 dB. Essa perda pode impedir que o aluno perceba igualmente todos os fonemas da palavra. Além disso, a voz fraca ou distante não é ouvida. Em geral, esse aluno é considerado como desatento, solicitando, frequentemente, a repetição daquilo que lhe falam. Essa perda auditiva não impede a aquisição normal da linguagem, mas poderá ser a causa de algum problema articulatório ou dificuldade na leitura e/ou escrita.

b) Surdez moderada - aluno que apresenta perda auditiva entre 40 e 70 dB. Esses limites se encontram no nível da percepção da palavra, sendo necessário uma voz de certa intensidade para que seja convenientemente percebida. Esse aluno tem maior dificuldade de discriminação auditiva em ambientes ruidosos. Em geral, ele identifica as palavras mais significativas, tendo dificuldade em compreender certos termos de relação e/ou frases gramaticais complexas. Sua compreensão verbal está intimamente ligada à sua aptidão para a percepção visual.

c) Surdez severa - aluno que apresenta perda auditiva entre 70 e 90 dB. Este tipo de perda vai permitir que ele identifique alguns ruídos familiares e poderá perceber apenas a voz forte, podendo chegar até quatro ou cinco anos sem aprender a falar. Se a família estiver bem orientada, a criança poderá ter uma aquisição da linguagem na idade adequada. Além disso, outras opções podem ser adotadas pelas famílias, como o uso de AASI, o implante coclear, o sistema FM ou a língua de sinais (LIBRAS), língua natural dos surdos. Isso tem impacto direto na escola e irá refletir na formação da identidade do sujeito.

d) Surdez profunda - aluno que apresenta perda auditiva superior a 90 dB. A gravidade dessa perda o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana,



impedindo-o de adquirir naturalmente a linguagem oral. É comum nesses casos, que ele ouça sons de um helicóptero próximo, a decolagem de um avião, uma serra elétrica, uma furadeira, uma britadeira, motosserra, tiro de arma de fogo etc.

Agora já sabemos que há várias opções que podem ser utilizadas pelas famílias em relação à criança com perda auditiva, não somente a língua de sinais, mas poderá também adotar o uso do implante coclear, o sistema FM e ainda o uso de AASI. No entanto, as recomendações dos profissionais da educação é que a criança tenha desde cedo acesso à estimulação visual externa, por meio da língua de sinais, fator de máxima importância para a aquisição da linguagem da criança surda.

SURDO OU DEFICIENTE AUDITIVO?

Para muitos, os termos “surdo” e “deficiente auditivo” seriam sinônimos. No entanto, apesar de ambos compartilharem o déficit auditivo, possuem conceitos distintos. Segundo o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, as definições para estes termos seriam classificadas da seguinte forma:

“considera-se **pessoa surda** aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se **deficiência auditiva** a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz” (BRASIL, 2005).



Porém, as discussões e a popularização a respeito dessas denominações são necessárias, uma vez que levam em consideração aspectos sociais e culturais da comunidade surda, além do uso inadequado do termo causar desconforto, entre os ouvintes e as pessoas surdas.

Historicamente, a tradição médico-terapêutica influenciou a definição da surdez a partir do déficit auditivo e da classificação da surdez (leve, moderada, severa e profunda), porém, deixou de incluir a experiência da surdez e de considerar os contextos psicossociais e culturais nos quais a pessoa surda se desenvolve (SÁ, 2010).

Podemos dizer que, quanto ao termo “surdo”, é a denominação com a qual as pessoas que não ouvem referem-se a si mesmas e a seus pares. Dessa maneira, Sá (2010), define uma pessoa surda como,

“aquela que vivencia um déficit de audição que o impede de adquirir, de maneira natural, a língua oral/auditiva usada pela comunidade majoritária e que constrói sua identidade calcada principalmente nesta diferença, utilizando-se de estratégias cognitivas e de manifestações comportamentais e culturais diferentes da maioria das pessoas que ouvem”. (SÁ, 2010).

A autora ainda acrescenta que termo “surdo” está mais afeito ao marco sociocultural da surdez. Para os surdos, é fundamental que a surdez seja vista como diferença, e não como deficiência, negando os traços históricos culturais.

Para Maia (2007), primeiramente, para compreendermos essa distinção, é necessário entender quem vai utilizar a Libras como língua natural, ou primeira língua, assim como os serviços necessários para apoiar a inclusão educacional e social. Além disso, é preciso ter serviços garantidos, como um profissional intérprete e recursos tecnológicos que facilitem a obtenção e a divulgação de informações.

De acordo com a autora, a própria comunidade surda, tem diferenciações quanto ao uso dos serviços e também à apropriação da língua, em virtude das diferentes perdas auditivas, que podem promover ou não o uso da oralidade (fala) – no caso, surdos oralizados e não oralizados – bem como a escrita do português como segunda língua (MAIA, 2007).

LEMBRE-SE!

Quando você for se referir a uma pessoa que não ouve, o correto é chamá-la de Pessoa Surda ou, simplesmente, de Surdo(a). O seu uso até parece imprimir mais preconceito, mas não, é exatamente assim que a Comunidade Surda (faz parte dessa Comunidade todas as pessoas que trabalham ou socializam com os surdos) se autodenomina. Termos como ‘surdo-mudo’, ‘deficiente auditivo’ ou ‘portador de deficiência auditiva’ estão ultrapassados. Evite-os!

O termo “deficiente auditivo”, muitas vezes é usado para designar as pessoas surdas em decorrência das representações construídas pela medicina. Strobel (2008) afirma que a medicina, as pessoas surdas são consideradas como doentes e/ou deficientes e, simplesmente, as categorizam de acordo com o grau da surdez, entre leve, moderado, severo ou profundo.

Vale destacar que um traço distintivo do deficiente auditivo (ou D.A.), é que, diferente do surdo, este não interage com o mundo por meio da Libras, nem tampouco manifesta sua cultura pelo uso dessa língua.

A LÍNGUA DE SINAIS

Antes de tudo é importante já deixarmos claro que língua de sinais é uma especificação para todas as línguas sinalizadas, ou seja, algo mais abrangente, que engloba todas as línguas de sinais (QUADROS & KARNOPP, 2004). Desse modo, já quebramos o mito de que as línguas de sinais são universais, mas falaremos disso mais adiante.

Muitas pessoas acreditam que as línguas de sinais são apenas mímicas ou gestos aleatórios que as pessoas surdas usam para se comunicar. Mas não são! Para que você entenda melhor, eu vou te explicar.

Primeiramente, é importante que você saiba que a língua de sinais é a língua natural dos surdos. Essas línguas surgem naturalmente nas comunidades de pessoas surdas ou a partir de outras línguas de sinais. Elas, não diferentes de outras línguas, podem expressar ideias sutis, complexas e também abstratas.

As línguas de sinais, assim como as línguas orais, são organizadas e possuem estruturas gramaticais próprias. É uma língua viva, autônoma e reconhecida pela Linguística. Além disso, para você aprender uma língua de sinais, precisará de disciplina e prática, como qualquer outra língua.

Mas, quero te fazer uma pergunta: em algum momento, tenho certeza que você já pensou ao aprender a Libras, por exemplo, você conseguiria conversar com qualquer surdo do mundo, ou que os surdos de qualquer país são capazes de conversar naturalmente entre si, na ideia de que ela fosse universal? Se sim, lamento te informar, mas a Libras, como o próprio nome define, é a Língua Brasileira de Sinais, usada somente no Brasil, portanto não é universal. E, os surdos de países diferentes, se não souberem a língua de sinais do outro país, dificilmente irão conseguir se comunicar de forma natural.

Da mesma forma que as pessoas ouvintes em países diferentes falam línguas diferentes, as pessoas surdas também possuem suas próprias línguas, ou seja, cada país tem a sua própria língua de sinais. Aqui no Brasil, nós temos a Libras, a língua usada pela comunidade surda dos centros urbanos brasileiros, que foi oficialmente reconhecida como uma língua no dia 24 de abril de 2002, através da Lei nº 10.436.



Existe a língua de sinais americana, francesa, colombiana, argentina, chilena, venezuelana, portuguesa, peruana, italiana, japonesa, uruguaia, russa, alemã, albanesa, austríaca etc. Essas línguas são diferentes umas das outras e não existe nelas qualquer dependência das línguas orais faladas em seus países. Segundo dados do Ethnologue: Languages of the World¹, existe no mundo 144 línguas de sinais.

O ALFABETO MANUAL

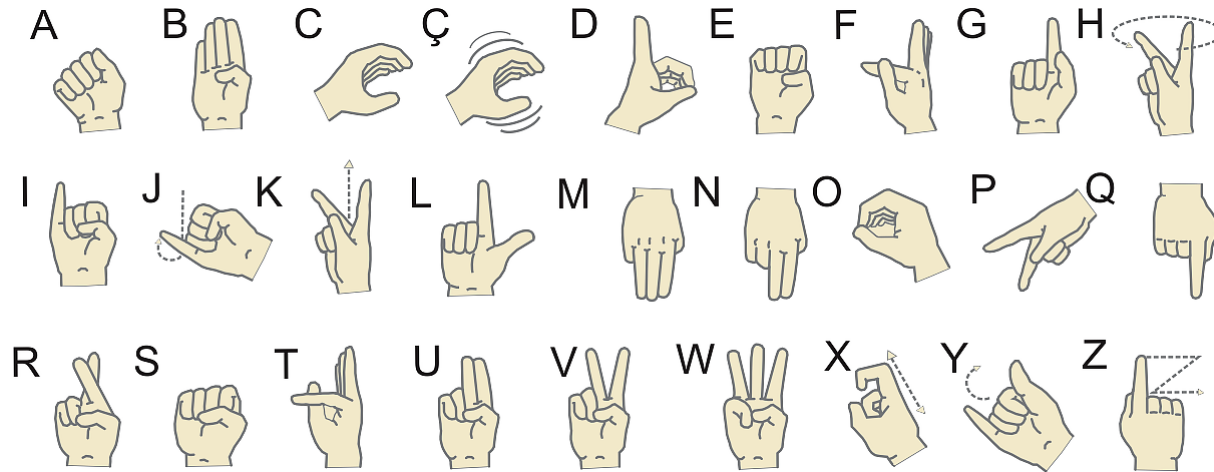
No Brasil, culturalmente, quando alguma pessoa é apresentada a você, é comum vocês dizerem seus nomes, logo após se cumprimentar, com aperto de mãos ou beijo(s) no rosto. Na Libras isso também não é diferente, porém, a pessoa, além de dizer o nome, ela precede com a apresentação do seu sinal pessoal.

Mas o que necessariamente seria este sinal? Você deve estar se perguntando, não é? O sinal pessoal, nada mais é que o seu nome próprio, o “nome de batismo”, como é chamado pela comunidade surda. Este sinal geralmente pode representar iconicamente uma característica da pessoa, a profissão de uma pessoa, um número que a pessoa passou a ter na caderneta de sua turma de escola, ou a primeira letra do nome da pessoa etc. Em resumo, o sinal pessoal pode ser, portanto, uma representação visual de uma pessoa ou um atributo (FELIPE; MONTEIRO, 2007).

Agora para falar o seu nome nas línguas de sinais, no nosso caso em Libras, você precisará conhecer o alfabeto manual, com ele você poderá se apresentar, soletrar qualquer nome que você ainda desconheça o sinal ou que ainda não possua sinal. Nele as mãos tomam formas específicas para representar cada letra do nosso alfabeto brasileiro. Então, fique atento a cada uma das formas que, na sequência, você conhecerá!

¹ <https://www.ethnologue.com/subgroups/sign-language>

Figura 3 - Alfabeto manual da Libras



Fonte: <http://2.bp.blogspot.com/-qDIZ1FjQG0I/Tw3HgFrITxl/AAAAAAAAAEE/KKb57ZZeQ2s/s1600/alf.png>

O alfabeto manual (ou datilologia) é um empréstimo das letras alfabéticas, ou seja, as configurações manuais utilizadas nele correspondem às letras do alfabeto do país. É importante ressaltar que o alfabeto manual não substitui os sinais da língua de sinais.

VOCÊ SABIA?

O primeiro registro que se tem sobre a invenção do alfabeto manual foi em 1620, pelo espanhol, Juan Pablo Bonet, que teve origem pela necessidade de representar as letras de forma visual e era usado principalmente para ensinar pessoas surdas a ler e escrever.

Figura 4 - Primeiro alfabeto manual



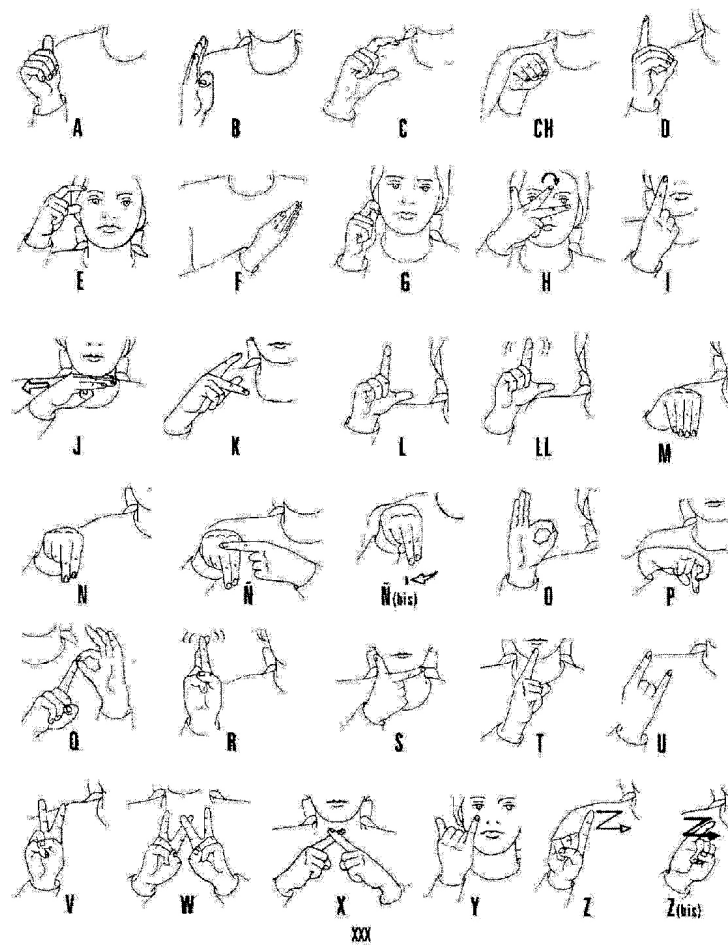
Fonte: História de Aragón

Normalmente é utilizado para soletrar os nomes de pessoas, de lugares, de rótulos e outros. e para as palavras que não existem um sinal específico na língua de sinais. O alfabeto manual, assim como as línguas de sinais, também não é universal e cada comunidade surda utiliza o seu próprio alfabeto, como você pode observar, a seguir.



Figura 5 - Alfabeto manual da língua de sinais argentina

Alfabeto Dactilológico Argentino



Fonte: <https://bejomi1.files.wordpress.com/2016/03/alfabeto-dactilologicoargentino.jpg?w=1024&h=1448>



Figura 6 - Alfabeto manual da língua de sinais britânica



Fonte: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/libras/standard_manual_alphabet.pdf

Uma observação que merece destaque é que entre a soletração de uma palavra e outra, você pode fazer uma pausa curta ou mover a mão direita para o lado esquerdo, como se estivesse empurrando a palavra já soletrada para o lado.



Você percebeu que existem algumas letras do nosso alfabeto com pequenos movimentos? Pois é, esses movimentos são necessários e para que você consiga visualizar com exatidão esses movimentos, vou deixar um vídeo para facilitar.

ACESSE:

<https://www.youtube.com/watch?v=mZOLIDC6F6U>



ATIVIDADES INTEGRADAS

Agora que você já conhece todo o alfabeto manual, vamos praticar? Escreva seu nome e de mais quatro familiares ou amigos e pratique com a soletração de cada um deles, seguindo cada representação das letras do alfabeto manual que você já aprendeu.

▶ MITOS SOBRE A LÍNGUA DE SINAIS

Há uma série de crenças que não correspondem à realidade das línguas de sinais, observadas nos discursos de pessoas que desconhecem a língua de sinais. As pessoas julgam certas coisas pois por muitos anos as ideias a respeito dessa língua foram disseminadas por questões filosóficas, religiosas, políticas e econômicas.

À vista disso, revelaremos, portanto, comprovações para desmistificar essas ideias, baseado em Quadros e Karnopp (2004), que metodizaram uma lista contendo alguns desses mitos.

MITOS	DESMISTIFICAÇÃO
1 - A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos.	Tal concepção está atrelada à ideia filosófica de que o mundo das ideias é abstrato e que o mundo dos gestos é concreto. O equívoco desta concepção é entender sinais como gestos. Na verdade, os sinais são palavras, apesar de não serem orais-auditivas. Os sinais são tão arbitrários quanto às palavras. A produção gestual na língua de sinais também acontece como observado nas línguas faladas. A diferença é que no caso dos sinais, os gestos também são visuais-espaciais tornando as fronteiras mais difíceis de serem estabelecidas. Os sinais das línguas de sinais podem expressar quaisquer ideias abstratas. Podemos falar sobre as emoções, os sentimentos, os conceitos em língua de sinais, assim como nas línguas faladas.

MITOS	DESMISTIFICAÇÃO
<p>2 - Haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas surdas.</p>	<p>Esta ideia está relacionada com o mito anterior. Se as línguas de sinais são consideradas gestuais, então elas são universais. Isto é uma falácia, pois as várias línguas de sinais que já foram estudadas são diferentes umas das outras. Assim como as línguas faladas, temos línguas de sinais que pertencem a troncos diferentes. Temos pelo menos dois troncos identificados, as línguas de origem francesa e as línguas de origem inglesa. Provavelmente, nossa língua de sinais pertence ao tronco das línguas de sinais que se originaram na língua de sinais francesa.</p>
<p>3 - Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais que seria derivada das línguas de sinais, sendo um pidgin sem estrutura própria, subordinado e inferior às línguas orais.</p>	<p>Como as línguas de sinais são consideradas gestuais, elas não poderiam apresentar a mesma complexidade das línguas faladas. Isso também não é verdadeiro, pois em primeiro lugar as línguas de sinais são línguas de fato. Em segundo lugar, as línguas de sinais independem das línguas faladas. Um exemplo que evidencia isso claramente é que a língua de sinais portuguesa é de origem inglesa e a língua de sinais brasileira é de origem francesa, mesmo sendo o português a língua falada nos respectivos países, ou seja, Portugal e Brasil. Como estas línguas de sinais pertencem a troncos diferentes, elas são muito diferentes uma da outra. É claro que não podemos negar o fato de ambas as línguas estarem em contato, principalmente entre os surdos letrados. O que se observa diante deste contato é que, assim como observado entre línguas faladas em contato, existem alguns empréstimos linguísticos. Para além disso, as línguas de sinais não têm relação com as línguas faladas do seu país. Elas são autônomas e apresentam o mesmo estatuto linguístico identificado nas línguas faladas, ou seja, dispõem dos mesmos níveis linguísticos de análise e são tão complexas quanto às línguas faladas.</p>



MITOS	DESMISTIFICAÇÃO
<p>4 - A língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral.</p>	<p>Como as línguas de sinais são tão complexas quanto às línguas faladas, esta afirmação não procede. Nós já vimos que as línguas de sinais podem ser utilizadas para as inúmeras funções identificadas na produção das línguas humanas. Você pode usar a língua de sinais para produzir um poema, uma estória, um conto, uma informação, um argumento. Você pode persuadir, criticar, aconselhar, entre tantas outras possibilidades que se apresentam ao se dispor de uma língua. Assim, a língua de sinais não é inferior a nenhuma outra língua, mas sim, tão linguisticamente reconhecida quanto qualquer outra língua.</p>
<p>5 - As línguas de sinais derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes.</p>	<p>A ideia de que a língua de sinais seja gestual também reaparece neste mito. As pessoas pensam que as línguas de sinais são de fácil aquisição por estarem diretamente relacionadas com o sistema gestual utilizado por todas as pessoas que falam uma língua. Como isso não é verdade, as línguas de sinais são tão difíceis de serem adquiridas quanto quaisquer outras línguas. Precisamos de anos de dedicação para aprendermos uma língua de sinais, mas com base neste mito, as pessoas pensam que sabem a língua de sinais por usarem alguns gestos e alguns sinais que aprendem nas aulas de língua de sinais. A comunicação gestual usada exclusivamente é extremamente limitada, pois torna inviável a comunicação relacionada com questões mais abstratas. Assim, você vai precisar da língua de sinais para poder comunicar estas ideias. É verdade que você pode comunicar algumas coisas utilizando apenas gestos, assim como você faz quando chega a um país em que é falada uma língua desconhecida por você. Mas, também é verdade que você estará limitado à identificação direta entre o gesto e sua intenção, sem poder entrar em níveis de detalhamento necessário para transcorrer sobre um determinado assunto. Para transcorrer sobre um determinado assunto qualquer, você vai precisar de uma língua. No caso da comunicação com surdos, você vai precisar da língua de sinais.</p>



MITOS	DESMISTIFICAÇÃO
<p>6 - As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial, enquanto que o esquerdo, pela linguagem.</p>	<p>As pesquisas com surdos apresentando lesões em um dos hemisférios apresentam evidências de que as línguas de sinais são processadas linguisticamente no hemisfério esquerdo da mesma forma que as línguas faladas. Existe sim uma diferença que está relacionada com informações espaciais, pois estas, além de serem processadas no hemisfério esquerdo com suas informações linguísticas, são também processadas no hemisfério direito quanto às suas informações de ordem puramente espacial. Assim, parece haver um processamento até mais complexo do que o observado em pessoas que usam línguas faladas. As investigações concluem que a língua de sinais é um sistema, que faz parte da linguagem humana, processado no hemisfério esquerdo e no hemisfério direito.</p>

Fonte: Quadros; Karnopp (2004)

De acordo com a conclusão dessa análise, observou-se que estas concepções equivocadas em relação às línguas de sinais compartilham traços comuns, assinalando um estatuto linguístico inferior em relação ao plano da superfície. No entanto, as investigações mostram que as línguas de sinais, em uma perspectiva linguístico, são completas, complexas e possuem uma abstrata estruturação em todos os níveis de análise (QUADROS; KARNOPP, 2004).

BOAS PRÁTICAS

- A primeira língua do surdo é a Libras e não o português. Por isso, é preciso ter atenção especial ao se exigir destes estudantes trabalhos em língua portuguesa ou outra língua;
- É ideal que o aluno com deficiência auditiva sente o mais próximo possível do professor, isso facilitará a leitura labial e/ou a captação do estímulo sonoro, mas cabe lembrar que quem faz leitura labial não necessariamente pode compreender tudo o que foi dito.

SÍNTESE DA AULA

- ▶ Nesta primeira unidade de estudo, pudemos conhecer os conceitos de Surdo e Deficiente Auditivo, bem como os aspectos relacionados à surdez segundo os seus vários graus de perda auditiva, desde a perda de grau leve até a profunda. Com isso, conseguimos entender que em virtude das diferentes perdas auditivas, há diferenciações quanto ao uso dos serviços e à apropriação da língua. Além disso, a relevância dessa unidade introdutória traz aos profissionais da educação um conhecimento extremamente necessário, no que diz respeito, as crenças que não correspondem à realidade das línguas de sinais, isto é, dos mitos existentes sobre a língua de sinais. Por último, pudemos conhecer ainda um pouco sobre a língua de sinais e sua relevância para os surdos, assim como o alfabeto manual da Libras e seus contextos de uso.

LEITURAS COMPLEMENTARES

- ▶ Além dos mitos sobre a língua de sinais, conheça também alguns mitos sobre os surdos, no texto da autora Audrei Gesser.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? que língua é essa?**: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

Os Surdos quase sempre são mal interpretados e a culpa é nada mais nada menos que “nossa”, simplesmente pelo fato de desconhecermos sua língua. Há algumas ações de boas práticas que merecem nossa atenção. Para isso, veremos algumas desmistificações relatadas pelo educador (Surdo) Leonardo Castilho.

Assista ao vídeo disponível no YouTube no canal do Dr. Drauzio Varella: https://www.youtube.com/watch?v=Bcq6GPYmFpo&ab_channel=DrauzioVarella

AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- ▶ Como atividade de aprendizagem, comente quais as principais distinções entre Surdo e Deficiente Auditivo. Em seguida, cite qual dos mitos você percebe como mais presente na sociedade nos dias atuais?

INDICAÇÃO DE FILME

Sou Surda e não sabia <https://www.youtube.com/watch?v=PymXMyz3nSk>

REFERÊNCIAS

- ▶ BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei n. 10436 de 22/04/02 e o art. 18 da Lei 10.098 de 19/12/00.
- _____. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil, Atos do Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 abr. 2002. n. 79, ano CXXXIX, Seção 1, p. 23.
- FELIPE, T. A; MONTEIRO, M. S. **Libras em Contexto:** curso básico, livro do professor instrutor. Brasília: Programa nacional de apoio à educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2007.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia.** Censo 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: 03 fev 2020.
- MAIA, S. R. **Deficiência auditiva/Surdez.** São Paulo, 2007.
- QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira:** estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- RINALDI, G. et. al. (Org.). **Deficiência auditiva.** Brasília: SEESP, 1997.
- SÁ, N. R. L. de. **Cultura, poder e educação de Surdos.** São Paulo: Paulinas, 2010.
- STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

AULA 2

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Caro estudante,

Nesta aula, apresentaremos brevemente o percurso histórico da criação da língua de sinais aqui no Brasil, destacando as principais figuras responsáveis para que a educação de surdos pudesse marcar e fazer toda a diferença até os dias atuais. Esperamos que esta aula seja instigante e que motive todos os alunos a se aperfeiçoarem nos estudos sobre a Libras. Vamos à aula! Os objetivos desta aula são:

- Conhecer o percurso histórico da Língua Brasileira de Sinais e a maior referência na institucionalização da educação de surdos no Brasil;
- Compreender o processo de reconhecimento da Libras;
- Refletir sobre a importância e o significado do Dia Nacional do Surdo.

Bons estudos!

Especialização em
Educação Inclusiva

A HISTÓRIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS



CONTEÚDO E SEUS DESDOBRAMENTOS

▶ A ORIGEM DA LIBRAS

Há quase duas décadas, oficialmente, foi reconhecida no Brasil a língua brasileira de sinais, a Libras, que é o meio de comunicação e expressão usado pela comunidade surda dos centros urbanos do país.

Atualmente, a Libras tem se tornado uma língua cada vez mais reconhecida pela sociedade. É bastante comum vermos sua utilização em espaços como universidades, escolas, shows, cultos religiosos, eventos acadêmicos (congressos, seminários etc) e até mesmo em programas televisivos. A cada dia a Libras vem ganhando mais espaço.

Mas afinal, como surgiu essa língua? Você conhece a história da criação da Libras? Vamos conhecer?

A LIBRAS NO SÉCULO XIX

Para iniciarmos a história da Libras, vamos voltar no tempo, para a década de 1850. Nessa época, a língua de sinais falada pelos surdos brasileiros entrou em contato com a Língua de Sinais Francesa (LSF), com a chegada do conde e professor surdo francês E. Huet¹, ao Brasil, a convite do Imperador Dom Pedro II. Huet é uma referência fundamental na institucionalização da educação de surdos no Brasil.

¹ Há controvérsias sobre o primeiro nome de Huet. A assinatura do professor, por sua vez, não contribui para resolver a questão, pois sempre assinava E. Huet (ROCHA, 2009). Algumas literaturas apresentam diferentes grafias para o seu nome, como: Edouard Hüet (JANNUZZI, 2004); Ernest Huet (PINTO, 2006); Eduard Hüet (OVIEDO, 2007); Ernesto Hüet (CORRÊA, 2010); Hernest Huet (OLIVEIRA, 2012; GOLDFELD, 2001).

Figura 1 - Professor surdo E. Huet



Fonte: Oviedo (2007)

Vamos conhecer um pouco mais sobre esse ícone. O professor Huet nasceu em Paris, na França (1822) e ficou surdo após ter contraído sarampo, no final da infância, aos 12 anos de idade e, por isso, foi inscrito no Instituto dos Surdos-Mudos de Paris – a principal escola de surdos da França – onde aprendeu a ler e a escrever. Huet sempre foi destaque nos estudos. Em 1840, ele foi monitor da terceira classe do Instituto (ROCHA, 2008).

Após concluir os estudos, Huet decididamente dedicou-se à educação de surdos e a colocou à frente de qualquer coisa, estabelecendo-a como sua principal missão de vida. Na França, foi professor e também diretor do Instituto de Surdos-Mudos da cidade de Bourges na França. Tempos depois decidiu viajar para o Brasil (ROCHA, 2008).



HUET E A FUNDAÇÃO DO INES

Em 1855, E. Huet chega ao Brasil. De acordo com Campello (2011), o ministro de Instrução Pública, Drouyn de Louys, e o embaixador da França, Monsieur Saint George, juntamente com a corte do Rio de Janeiro, apresentaram o professor Huet ao imperador Dom Pedro II, na tentativa de incentivá-lo a criar um educandário destinado ao ensino de surdos-mudos², nos mesmos moldes do renomado Instituto Nacional de Paris.

VOCÊ SABIA?

O interesse de fundar um instituto de educação para Surdos seria impulsionado pelo fato de o próprio Dom Pedro II ter um neto Surdo, filho da Princesa Isabel com o conde D'Eu, que era parcialmente Surdo (BARROS, 2011).

Dom Pedro II apoiou a proposta do professor Huet e um ano depois, em 1º de janeiro de 1856, começou a funcionar o novo estabelecimento, nas dependências do Colégio de M. De Vassimon, o Collégio Nacional para Surdos-Mudos. No ano seguinte, a criação do colégio se tornou oficial através da Lei nº 839 de 26 de setembro de 1857 e recebeu o nome de Imperial Instituto de Surdos Mudos (ALMEIDA, 2018), atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

² Termo usado na época. Atualmente, utiliza-se o termo Surdo.



Figura 2 - Instituto Nacional de Educação de Surdos



Fonte: <https://vejario.abril.com.br/cidades/instituto-nacional-de-educacao-de-surdos-completa-160-anos/>

A denominação do Instituto, no percurso de quase dois séculos, passou por várias alterações, em decorrência das mudanças políticas e do reconhecimento identitário e cultural das pessoas surdas. O Instituto, por sua vez, recebeu sua atual nomenclatura por meio da Lei nº 3.198, de 6 de julho de 1957, que passou a ser denominado de Instituto Nacional de Educação de Surdos, o antigo Instituto Nacional de Surdos-Mudos. Logo, abaixo, você pode acompanhar os períodos e as denominações que recebeu o Instituto.



PERÍODO	DENOMINAÇÃO
1856-1857	Collégio Nacional para Surdos-Mudos
1857-1858	Instituto Imperial para Surdos-Mudos
1858-1865	Imperial Instituto para Surdos-Mudos
1865-1874	Imperial Instituto dos Surdos-Mudos
1874-1890	Instituto dos Surdos-Mudos.
1890-1957	Instituto Nacional de Surdos-Mudos
1957-atual	Instituto Nacional de Educação de Surdos

Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (GONÇALVES, 2015, adaptado)

Para Gonçalves (2015) esses ajustes de denominações foram sofrendo modificações conforme as discussões sobre a educação dos surdos no Brasil. Apesar de todos esses ajustes, o principal objetivo do Instituto era habilitar os alunos surdos, de ambos os sexos, para a relação da vida social, dando a eles a educação elementar, moral e religiosa.

Os modelos de aprendizagem adotados pelo professor Huet, na época, era com o uso de línguas de sinais. Dessa forma, sua didática obteve resultados de sucesso. Três anos depois, ele apresentou o resultado de seu trabalho ao público: uma turma com sete estudantes surdos, todos alfabetizados na língua de sinais e na língua portuguesa (STROBEL, 2009).

O colégio funcionava no sistema de internato e recebia alunos de ambos os sexos. A duração do curso completo era de seis anos e sua base curricular era semelhante à do Instituto de Surdos-Mudos de Paris. De acordo com o documento, a seguir, podemos identificar as disciplinas designadas por Huet, apresentado às Majestades Imperiais.



Figura 3 - Documento do Collegio Nacional para surdos-mudos de ambos os sexos (1856)

406

COLLEGIOS DE MENINOS.

COLLEGIO NACIONAL

RUA DOS BENEDICTINOS N.º 8. NO RIO DE JANEIRO

OS MENINOS A CARGO DE M. E. HUET DIRECTOR DO ESTABELECIMENTO



AS MENINAS A CARGO DE M. DE VASSIMON R. SUAS FILHAS

PARA

SURDOS-MUDOS DE AMBOS OS SEXOS

DEBAIXO DO PATROCÍNIO DE

SUAS MAJESTADES IMPERIAES

E

DE UMA COMISSÃO INSPECTORA.

Este estabelecimento, fundado por M. E. Huët, ex-director da Instituição dos Surdos-Mudos de Bourges, e destinado à regeneração intellectual e moral dos Surdos-Mudos do Brasil, admite qualquer individuo dos dous sexos, desde a idade de 7 a 16 annos.

O curso de estudos completo é de 6 annos, em que se aprendem as seguintes

DISCIPLINAS.	
Escrepta e leitura.	Historia do Brasil.
Elementos da lingua nacional — Grammatica.	Historia sagrada e profana.
Noções de religião e dos deveres sociaes — Cathedismo.	Arithmetica.
Geographia.	Desenho.
	Escrepturação mercantil.

Lições de agricultura theorica e pratica para os meninos, e trabalhos usuaes de agulha para as meninas.

Dar-se-hão outrossim lições de pronuncia, de articulação e de leitura áquelles individuos, em quem se reconhecce aptidão para

Segundo o documento, o curso era composto pelas seguintes disciplinas: escrita e leitura; elementos da língua nacional – Gramática; noções de religião e dos deveres sociais – Catolicismo; Geografia; História do Brasil; História sagrada e profana; Aritmética; Desenho; e Escrituração Mercantil. Além disso, eram dadas aulas de pronúncia, de articulação e de leitura aos indivíduos em quem se identificasse aptidão para tais exercícios.

Manter o colégio funcionando era muito custoso, o horário de funcionamento era curto e, mesmo com doações, a verba era pouca. Na tentativa de buscar melhorias para o colégio, o professor Huet, então, resolve elaborar um relatório, revelando suas angústias, e o entrega ao Imperador.

Em 1857, o professor Huet consegue a vitória: a comissão de notáveis do império, pelo Marquês de Abrantes, resolveu aprovar a Lei nº 939, que estabelecia uma verba anual para sustentar o projeto de Huet. E naquele mesmo ano, os alunos do Instituto prestaram exames públicos na presença de Dom Pedro II. Por muitos anos, o Instituto foi a única instituição oficial que recebeu alunos surdos de todo o Brasil e de países da América Latina, tornando-se referência (GONÇALVES, 2015).

SAIBA MAIS!

Acesse o link, a seguir, e veja no vídeo a importância desse verdadeiro centro de referência na educação de surdos. Que, sem dúvida, é uma trajetória de sucesso que enche a Comunidade Surda de muito orgulho. **Conheça o INES** - <https://youtu.be/XBmsg58xmhE>

Huet foi diretor do Instituto no período de 1857 a 1861. Com sua saída, novos dirigentes assumiram a direção do Instituto. Logo após deixar a direção, possivelmente por problemas particulares, ele embarcou para o México, onde continuou o seu trabalho pela educação de surdos. Seis anos depois, em 1867, Huet fundou, em 14 de fevereiro de 1867, a “Escuela Municipal



de Sordomudos” que, no mesmo ano passou de regime Municipal para Nacional, e se converteu na “Escuela Nacional de Sordomudos”. Na escola, durante muitos anos, Huet exerceu a função de diretor e professor (OVIEDO, 2007).

Figura 4 - Primeira sede da escola de Huet no México, em 1867.



Fonte: Oviedo (2007)

A MORTE DE HUET

O professor Huet permaneceu em suas atividades docentes na Escuela Nacional de Sordomudos até o último dia de sua vida. Em seu túmulo, localizado na Cidade do México, diz que ele morreu dia 10 de janeiro de 1882 (OVIEDO, 2007). Até hoje, Huet é considerado o criador das línguas de sinais do Brasil e do México, e fundador da primeira escola para surdos nesses países.



O trabalho de Huet foi muito importante, pois graças a ele deu-se início à educação formal para os surdos. Para muitos, Huet deixou como herança métodos pedagógicos que incluíam o uso de sinais como recurso de ensino e comunicação na escola, e a influência da LSF na formação das línguas de sinais brasileira e mexicana.

O RECONHECIMENTO DA LIBRAS

O INES por ter sido, durante muitos anos, a única instituição oficial que recebeu alunos surdos de todo o Brasil, contribuiu significativamente para a difusão da Libras. Surdos de vários estados brasileiros ao serem alfabetizados no INES, voltavam para suas cidades natais e, em contato com outros surdos, a língua foi sendo fortemente disseminada, sobretudo com o surgimento das associações de surdos no país.

A Língua de Sinais, começa a despertar interesse em pesquisadores brasileiros. Em 1980, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), pesquisas com foco nos Estudos Linguísticos, se tornou destaque por ter elaborado o primeiro boletim sobre o assunto, denominado: GELES - Grupo de Estudos sobre Linguagem, Educação e Surdez (SABANI, 2007).

Em 1986, a Língua de Sinais começou a ser defendida no Brasil por profissionais influenciados pelos estudos divulgados pela Gallaudet University, que utiliza a Língua Americana de Sinais (ASL) (SABANI, 2007). E, no decorrer dos anos, surgiram várias entidades, como as Associações de Surdos, Federações Desportivas de Surdos, Confederação Brasileira de Desportos de Surdos e Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS).

Inicialmente, segundo Campello e Quadros (2011), a língua de sinais utilizada pelos surdos das capitais do Brasil foi denominada com a sigla LSCB - Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros. Em um âmbito político e linguístico, a FENEIS - entidade que trabalha em prol da sociedade surda garantindo a defesa dos direitos linguísticos e culturais dessa população -



denominou a língua de sinais como Libras para defender e preservar a língua de sinais brasileira. Há ainda alguns linguistas que a denominam de LSB devido à nomenclatura do padrão internacional da língua de sinais que é Língua de Sinais Brasileira - LSB (CAMPELLO; QUADRO, 2011).

VOCÊ SABIA?

Além da Libras, também foi descoberta no Brasil a existência de duas outras línguas de sinais: a Língua de Sinais Urubu-Ka'apor, que é utilizada pela comunidade indígena Urubu-Ka'apor (BRITO, 1995), no sul do estado do Maranhão e, a língua de sinais "Cena" (PEREIRA, 2012), no estado do Piauí.

O engajamento do reconhecimento da Língua de Sinais da comunidade surda resultou na criação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, mais conhecida como a Lei da Libras, que a reconhece como meio de comunicação e expressão das pessoas surdas no acesso à educação, à saúde, à cultura e ao trabalho e, do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, documento específico sobre o uso e a difusão da Libras, como uma língua oficial no país. Dispositivos legais que garantem os direitos dos surdos no seu status linguísticos, bem como oferecem a acessibilidade em todos os níveis de ensino.

No ano seguinte, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) ofereceu o primeiro curso superior de graduação (licenciatura) em Letras-Libras, no país, na modalidade de ensino à distância, com a oferta de 500 vagas, distribuídas entre nove polos de ensino, das seguintes cidades: Brasília, Goiânia, Fortaleza, Manaus, Rio de Janeiro, Salvador, Santa Maria, São Paulo e Florianópolis.

Em 2008, a UFSC ofereceu 900 vagas, na realização do segundo processo seletivo para ingresso nos cursos de licenciatura em Letras-Libras e bacharelado em Letras-Libras. O aumento do número de vagas se deu à criação do curso de bacharelado e à expansão dos polos de ensino,



agora em Belém, Manaus, Belo Horizonte, Brasília, Campinas/SP, Curitiba, Dourados/MS, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e Vitória.

A oferta desses cursos foi um grande marco para a área, uma vez que ofereceu mais visibilidade para a Libras, contribuindo para uma maior difusão da língua e exigências de novas demandas de tradutores intérpretes.



SÍNTESE DA AULA

- ▶ Nesta unidade, de forma breve, pudemos entender o percurso histórico da criação da língua de sinais aqui no Brasil, destacando E. Huet, como a maior referência na institucionalização da educação de surdos no Brasil. Percorremos desde a Libras no século XIX, que não possuía essa nomenclatura à época, e sua influência da Língua de Sinais Francesa. A atuação de Huet na fundação do INES, grande marco na história da população Surda. Conseguimos compreender o processo de reconhecimento da Libras e ainda refletir sobre a importância e o significado do Dia Nacional do Surdo.

LEITURAS COMPLEMENTARES

- ▶ Leia e reflita sobre a visão de uma surda (Myrna Monteiro) a respeito da história dos movimentos dos surdos e ainda sobre o reconhecimento da Libras.

Acesse: <https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/10178>

Para conhecer o INES, que é reconhecido, na estrutura do MEC, como centro de referência nacional na área da surdez.

Acesse: <https://www.gov.br/ines/pt-br>

AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM

▶ ATIVIDADE PARA REFLEXÃO

Uma das grandes conquistas para a comunidade surda foi o reconhecimento da Libras, bem como o uso de suas atribuições. Como já citamos anteriormente, a acessibilidade em todos os níveis de ensino para as pessoas surdas é garantida através do Decreto nº 5.626. Agora, de acordo com o seu contexto de atuação, identifique no referido Decreto, qual tipo de acessibilidade pode ser oferecida aos surdos e justifique sua resposta.

▶ DIA NACIONAL DO SURDO

No dia 26 de setembro comemora-se o “Dia Nacional dos Surdos”. Data escolhida para celebrar todas as conquistas da comunidade surda, o seu empenho pela inclusão dos surdos diz respeito às melhores condições de vida, trabalho, educação, saúde, dignidade e cidadania. Mas, você consegue imaginar por que exatamente a escolha do dia 26 do mês de setembro?

Não é, simplesmente, porque esta data foi instituída legalmente pela Lei nº 11.796, de 29 de outubro de 2008, como o Dia Nacional do Surdo. A comunidade surda estabeleceu o dia 26 de setembro por corresponder, ao marco histórico, a data de fundação da primeira escola de surdos do Brasil, o INES, fundada pelo professor Huet, aquela que vimos no início da Unidade.

Confira agora, uma homenagem ao Dia do Surdo, produzido pelo youtuber (surdo) goiano Gabriel Isaac. No vídeo, o youtuber mostra que essa data possui um forte significado, pois representa um dia de várias conquistas para toda a Comunidade Surda.

Vídeo - Precisamos do Dia do Surdo? <https://youtu.be/ZUJRoE8KhHg>



O mês de setembro é também conhecido e celebrado pela Comunidade Surda como Setembro Azul. Mas porque a cor azul? Eu vou te explicar. Durante a Segunda Guerra Mundial todas as pessoas com deficiência eram marcadas por uma faixa azul no braço, na intenção de facilitar o momento da identificação feita pelos nazistas. Essas pessoas eram então encaminhadas a instituições na Alemanha e Áustria, onde eram executadas.

O uso da fita azul (turquesa) pela Comunidade Surda, teve uma ressignificação, passando, então, a representar o orgulho de ser surdo e da cultura existente na comunidade. Em 1999, no XIII Congresso Mundial da Federação Mundial de Surdos sediado na Austrália, a Cerimônia da Fita Azul (*Blue Ribbon Ceremony*) teve lugar. Os surdos vítimas de opressão foram lembrados e homenageados. Na ocasião, o Dr. Paddy Ladd (surdo) foi quem iniciou a prática do uso da fita azul como símbolo do movimento (JULIO, 2019).

Quando olhamos para trás, percebemos o grande avanço já alcançado pela comunidade surda, porém, ainda não é suficiente, há muito a ser conquistado para que seja garantido a completa inclusão das pessoas surdas no Brasil. O mês de setembro serve para nos instigar a pensar mais sobre a inclusão dos surdos na sociedade e, para proporcionar mais diálogos sobre o assunto.

BOAS PRÁTICAS

- Quando a pessoa surda estiver acompanhada de um intérprete, dirija-se à pessoa surda, não ao intérprete;
- Enquanto estiver conversando, mantenha sempre contato visual. Se você desviar o olhar, a pessoa surda pode achar que a conversa terminou.

ATIVIDADE PARA REFLEXÃO

Você percebeu o quão importante foi a figura de E. Huet na educação dos surdos e, como sua didática com o uso da língua de sinais foi eficaz no processo de ensino-aprendizagem dos surdos. Faça uma pesquisa em outros materiais, como livros, periódicos, vídeos e outros, e responda: quais as contribuições as Línguas de Sinais oferecem para o ensino do Surdos? Reflita e depois compartilhe com seus colegas.

INDICAÇÃO DE LINK

Dicionário da Língua Brasileira de Sinais online:

1. http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm
2. <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>



REFERÊNCIAS

▶ ALMEIDA, A. M. de. **“Ver” pelo mundo do toque e “Ouvir” pelo silêncio da palavra:** a educação de crianças cegas e surdas no Brasil (1854 - 1937). 2018. 234 f. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

BARROS. E. M. O Mundo do Silêncio - Uma Breve Contextualização da Trajetória do Indivíduo Surdo na Humanidade. **Revista Virtual de Cultura Surda**. nº 07. 2011. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/site/edicao/60>> Acesso em: 21 dez 2019.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei n. 10436 de 22/04/02 e o art. 18 da Lei 10.098 de 19/12/00.

_____. **Lei n. 939, de 26 de setembro de 1857.** Fixa a despesa e orça a receita para o exercício de 1858-1859. Coleção das leis do Império do Brasil, Rio de Janeiro, parte 1, p. 37, 1857. Disponível em: < <http://legis.senado.leg.br/norma/542530/publicacao/15775618>>. Acesso em: 18 dez 2019.

_____. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil, Atos do Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 abr. 2002. n. 79, ano CXXXIX, Seção 1, p. 23.

_____. **Lei nº 11.796, de 29 de outubro de 2008.** Institui o Dia Nacional dos Surdos.

_____. **Lei nº 3.198, de 6 de julho de 1957.** Denomina Instituto Nacional de Educação de Surdos o atual Instituto Nacional de Surdos-Mudos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3198.htm>. Acesso em: 13 nov 2019.

CAMPELLO, A. R. S. A constituição histórica da Língua de Sinais Brasileira: século XVIII a XXI. **Revista Mundo & Letras**, José Bonifácio/SP, v. 2, p. 8-25, 2011.

CAMPELLO, A. R. S; QUADROS, R. M. **Libras para licenciatura em Letras-Espanhol. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2011.**

GONÇALVES, R. C. F. **O silêncio eloquente: a gênese do Imperial Instituto de Surdos-Mudos no século XIX (1856-1896).** Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2015.

JANNUZZI, G. S. M. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI.** São Paulo: Campinas, Autores Associados, 2012.

JULIO, D. F. L. O teatro e o surdo: possibilidades através da arte Inclusiva. **Revista Artigos.com.** V. 8, 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/artigos/article/view/1788/915>. Acesso em: 13 dez 2020.

OVIEDO, A. **Eduard Huet (1822?-1882), fundador de las primeras escuelas para sordos en Brasil y México.** 2007. Disponível em: <https://cultura-sorda.org/eduard-huet/>. Acesso em: 21 nov 2019.

PEREIRA, É. L. **“Fazendo cena na cidade dos mudos”:** surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí. 2013. 418f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PINTO, M. **A infância como construção social.** In PINTO, M. y SARMENTO, M. J. (Orgs.) As crianças: Contextos e identidades. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997.

ROCHA, S. **O INES e a educação de surdos no Brasil.** Aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos. Rio de Janeiro: INES, 2008.



ROCHA, S.M. **Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos:** um olhar para o Instituto Nacional de Surdos (1856 - 1961). Tese de doutorado: Rio de Janeiro, PUC - RJ, 2009.

SABANAI, N. L. A evolução da comunicação entre e com surdos no Brasil. **Revista HELB.** n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-1-no-1-12007/92-a-evolucao-da-comunicacao-entre-e-com-surdos-no-brasil>. Acesso em: 28 dez 2019.

STROBEL, K. L. **História da educação de surdos.** Florianópolis: UFSC, 2006.



AULA 3

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Caro estudante,
Nesta aula, discutiremos sobre a visão dos surdos para importantes filósofos e como ela influenciou um dos métodos de educação de surdos. Abordaremos, também, três diferentes filosofias na história dos surdos, que possuem formas distintas de avaliar a língua de sinais. Para isto, tomaremos como base, principalmente, os trabalhos de Capovilla (2000) e Silva e Nembri (2008). Os objetivos desta aula são:

- Compreender historicamente quais eram as concepções sobre a surdez;
- Conhecer as filosofias educacionais usadas na educação de surdos;
- Analisar os impactos das filosofias educacionais para a pessoa surda.

Bons estudos!

Especialização em
Educação Inclusiva

FILOSOFIA EDUCACIONAIS PARA SURDOS



CONTEÚDO E SEUS DESDOBRAMENTOS

▶ AS INTERPRETAÇÕES ACERCA DA SURDEZ

Os estudos sobre a capacidade humana de se comunicar têm sido fruto de análise desde a Antiguidade, visto que, o ser humano é, por natureza, um ser comunicativo. Desde o século IV a.C. registraram-se os primeiros estudos sobre a linguagem, estudos esses que tiveram início por razões religiosas (PETTER, 2002) e, até os dias de hoje essas pesquisas continuam, certamente, por inúmeras outras razões.

A ausência de uma linguagem, por sua vez, pode trazer graves consequências para o desenvolvimento social, emocional e intelectual do ser humano. Graças a linguagem, o ser humano, ainda quando criança pode aprender sobre o mundo, o que permite a ele obter explicações sobre o funcionamento das coisas relacionadas ao mundo e sobre as razões do comportamento das pessoas (CAPOVILLA, 2000). Para o autor Capovilla (2000), o mundo da criança ficará confinado a comportamentos estereotipados apreendidos em situações limitadas, caso não haja uma base linguística suficientemente compartilhada, e um bom nível de competência linguística para permitir uma comunicação ampla e eficaz.

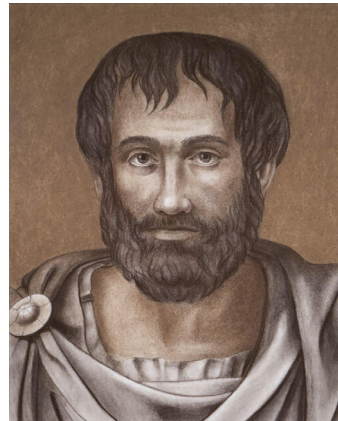
Muitas (falsas) crenças sobre os surdos perduraram séculos após séculos. Crenças que iam desde o surdo não ser educável até a isenção da responsabilidade pelos seus atos e, tudo isso, sendo justificado com base em textos sacros e também seculares.

▶ A PERSPECTIVA DOS FILÓSOFOS SOBRE OS SURDOS

Alguns filósofos tinham visões semelhantes a respeito dos surdos, vejamos alguns deles. Aristóteles, por exemplo, no século IV a.C., “suponha que todos os processos envolvidos na aprendizagem ocorressem através da audição e que, em consequência, os surdos seriam menos educáveis que os cegos” (CAPOVILLA, 2000, p.100). O filósofo, ainda, defendia que ouvido era

o órgão mais importante para a educação, o que colaborou para que o Surdo fosse visto como inábil para receber qualquer instrução naquela época. E essa ideia permaneceu por séculos sem questionamentos (HONORA, 2009).

Figura 1 - Filósofo Aristóteles



Fonte: PORFÍRIO (2020)

De acordo com Capovilla (2000) e Honora (2009), na Idade Média, a Igreja Católica acreditava que os surdos não teriam acesso a salvação, já que, de acordo com Paulo na Epístola aos Romanos, a fé provém do ouvir a palavra de Cristo, tempos depois a igreja passou a se preocupar com os surdos, sobretudo com o que eles faziam e por que não se confessavam. No entanto, Honora (2009) afirma que a preocupação da igreja se dava ao fato de o número de surdos nascidos nos castelos ter aumentado, devido os casamentos consanguíneos, comum naquela época, pois a nobreza não pretendia dividir suas heranças com outras famílias.



À vista disso, é preciso reconhecer que, séculos mais tarde, seria essa mesma preocupação para com a salvação dos surdos que acabaria motivando religiosos no mundo todo, como o abade l'Epée, na França, e o padre Oates, no Brasil, a trabalhar com surdos procurando resgatar seus sinais (CAPOVILLA, 2000).

No século XVIII, Kant foi outro filósofo que também seguiu o mesmo pensamento de Aristóteles. Kant, por defender e acreditar que as línguas orais eram superiores, defendia que os sinais usados pelos surdos eram incapazes de expressar generalidades, ou seja, de expressar conceitos mais abstratos. E, na mesma linha de Kant, no século XIX, Schopenhauer acreditava também que as línguas orais eram superiores e, por essa razão, defendia que o raciocínio depende unicamente da linguagem oral (CAPOVILLA, 2000).

As pessoas surdas não eram vistas como seres pensantes, uma vez que a fala era preponderante e estava diretamente ligada a capacidade de raciocínio. Desta forma, elas eram consideradas incapazes de pensar, sendo comparadas a animais, seres irracionais.

Enquanto isso, na Europa, a educação das pessoas surdas passou por sérias dificuldades, no período da Idade Moderna. Muitos pesquisadores questionavam a origem da surdez e, com base nestes questionamentos iniciaram experiências que, por vezes, chegavam até torturar as pessoas surdas, inclusive levando algumas delas a óbito.

VOCÊ SABIA?

Alexander Graham Bell, filho de Eliza Grace Symonds (surda) e Alexander Melville Bell (professor de elocução e instrutor de surdos), começou a desenvolver seu estudo sobre transmissão a distância de sons usando a eletricidade (telefone), por causa do método “fala visível” (*visible speech*) criado por seu pai, que consistia em um conjunto de símbolos que demonstravam as posições e os movimentos da garganta, língua e lábios quando usados para produzirem sons.



Em suma, podemos observar que na visão de todos estes filósofos, durante muito tempo acreditou-se que os surdos não pensavam. No entanto, mais adiante acreditou-se que ao ensinar a língua oral a estas pessoas, elas seriam, sim, capazes de aprender, expressar conceitos abstratos e desenvolver o pensamento lógico, única e exclusivamente, através do uso da língua oral.

AS PRINCIPAIS FILOSOFIAS DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

Na segunda metade do século XVIII, na tentativa de fazer com que as pessoas surdas tivessem o melhor desenvolvimento educacional, revelaram-se dois métodos: um com ênfase na oralização (método alemão de Heinicke) e outro em sinais metódicos ou sistema artificial de sinais (método francês de l'Epée), como também era conhecido, ambos tornaram-se bastante influentes sendo reproduzido em vários outros países.

Para os oralistas os surdos não possuíam uma língua e, exatamente, por este motivo o objetivo da educação de surdos era dar o que eles não tinham, uma língua, no caso, a língua oral. Dessa forma, o objetivo central desse método era o desenvolvimento da fala, a oralidade.

De modo diferente, o método de l'Epée defendia que a educação de surdos deveria priorizar pelo ensino da leitura, escrita, e outros conteúdos como a religião e a filosofia. l'Epée foi o primeiro a reconhecer que os surdos têm uma língua própria, a língua de sinais.

l'Epée passou a ser reconhecido mundialmente como o pai dos surdos. O método utilizado por ele era basicamente assim, os professores deveriam aprender tais sinais para se comunicarem com os surdos: eles aprendiam com os surdos e, a partir daí, ensinavam a língua falada e escrita do grupo socialmente majoritário (SILVA; NEMBRI, 2008).



Figura 2 - Abade Charles-Michel de l'Épée



Fonte: PRABOOK. Disponível em: https://prabook.com/web/charles-michel.de_l_eepee/1344343

Ambos os métodos conviveram durante muito tempo, até o ano de 1880, quando acontece um dos eventos que teve maior impacto na história da educação de surdos, o Congresso de Milão.

A história educacional do surdo é dividida em três períodos, que se estabelecem pelo surgimento das três principais filosofias de educação e reabilitação de surdos, para alfabetização: o Oralismo, a Comunicação Total, e o Bilinguismo.



▶ ORALISMO

Figura 1 - Sinal de Oralismo



Fonte: (MAIA, 2007, adaptado)

Durante muito tempo, vários educadores defendiam o oralismo, como os pedagogos Pereira, em Portugal, e Heinicke, na Alemanha, pois acreditavam que o pensamento só era possível por meio da língua oral. Segundo Silva e Nembri (2008), para esses defensores do oralismo, a língua escrita seria, então, uma consequência da língua oral, porém sua importância, secundária.

Desse modo, a filosofia do método oral, ou oralismo, consiste no processo pelo qual se propõe tornar o surdo capaz de compreender e, ainda, de produzir a linguagem oral, não levando em conta, em hipótese alguma, que o indivíduo surdo mesmo não possuindo o nível de audição capaz de perceber os sons da fala, este poderá se tornar um integrante de uma interação comunicativa por intermédio da linguagem oral (SOARES, 2005).



Em 1878, em Paris, acontece o I Congresso Internacional de Surdos-Mudos que abordava discussões sobre a instrução dos surdos. Além disso, neste congresso os debates levantaram a importância do papel da família na educação e a integração social do surdo. O evento também trouxe alguns ganhos civis para os surdos, como o direito de assinar documentos, o que os tirou, naquele momento, da completa marginalidade social. No entanto, sua total integração social ainda estava longe de acontecer (SILVA; NEMBRI, 2008).

Anos depois, em 1880, o II Congresso Internacional realizado em Milão, foi considerado um marco histórico para corrente oralista. De acordo com Silva e Nembri (2008), a organização do congresso era majoritariamente oralista, seguidora da corrente alemã, a eficácia da oralidade foi apontada pela apresentação de surdos que falavam bem, e o uso exclusivo e absoluto da metodologia oralista que foi determinado e declarado como o método de instrução dos estudantes surdos, como pode ser visto neste recorte da Ata do Congresso de Milão (1880):

I. O Congresso:

Considerando a incontestável superioridade da linguagem oral sobre a de sinais na reintegração do surdo-mudo à sociedade, permitindo a mais perfeita aquisição de conhecimento,

Declara:

Que se deve dar preferência ao Método Oral ao invés do método de sinais para a educação e ensino do surdo-mudo. (ATAS DO CONGRESSO DE MILÃO, 1880, p.4).

Nesse congresso, instituiu-se como método de educação de surdos, o **Oralismo Puro**. Uma abordagem que tinha como objetivo desenvolver unicamente a fala dos estudantes surdos. Os oralistas, como estratégia para garantir esse método, decidiram expulsar os professores surdos das escolas de surdos, também excluir a comunidade surda da política das instituições de ensino e, mais do que isso, proibir o uso da língua de sinais no ambiente escolar (CAPOVILLA, 2000).

Durante praticamente um século, esta abordagem não foi refutada. Entretanto, tal unanimidade não gerou o sucesso para educação de surdos ao qual pretendiam e posterior integração desses indivíduos, uma vez que apenas um pequeno contingente dessa clientela era capaz de desenvolver uma fala socialmente aceita. Além disso, a aprendizagem da leitura e da escrita também refletia o insucesso pedagógico dessa abordagem (SILVA; NEMBRI, 2008).

Segundo Brito (1993, p.27) citado por Silva e Nembri, 2008, nesta corrente “ênfatiza-se o aprendizado da língua oral com o objetivo de aproximar o surdo, o máximo possível, do modelo ouvinte, a fim de integrá-lo socialmente, sendo a língua vista muito mais como objetivo do que como instrumento do aprendizado global e da comunicação”. Desse modo, Silva e Nembri (2008), ainda, acrescentam, que para os oralistas, a fala, seguida de um exaustivo treinamento de leitura labial, tem como objetivo promover a adequação do indivíduo surdo ao meio de comunicação da sociedade ouvinte, falante.

Diante desse contexto, surgiram várias críticas quanto à esta abordagem, principalmente por ela se fundamentar na afirmativa de que, pela precocidade da ação educacional, as crianças atingiriam a fala. Esta premissa é questionada por uma série de pesquisas que apontam que, mesmo com o atendimento precoce, os surdos, na maioria das vezes, não falam (SILVA; NEMBRI, 2008). Esse não desenvolvimento da fala por estar associado a uma série de fatos, como o grau da perda auditiva, o momento da vida em que o surdo adquire a surdez, se antes ou depois da aquisição da fala entre outros aspectos.

Existe também a indicação da leitura labial para crianças desde a mais tenra idade. Em função da complexidade desta ação, os autores Silva e Nembri (2008), destacam que a limitação tida pelos surdos da comunicação ao canal vocal, acontece de forma que acaba tornando o aprendizado da linguagem desvinculado de situações naturais de comunicação, que por conseqüências, restringe as possibilidades do desenvolvimento global da criança.

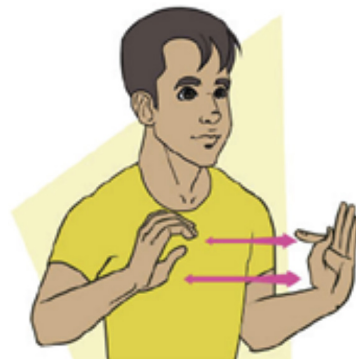


Baseado no desenvolvimento da fala, leitura e escrita de surdos, por um viés oralista, um estudo realizado na Inglaterra, em 1979, avaliou estudantes surdos entre 15 e 16 anos que estavam sendo educados sob o método oral. Esse estudo revelou que apenas 25% desses estudantes surdos, apresentavam uma fala inteligível, pelo menos por seus próprios professores. Em termos de leitura e escrita, a mesma pesquisa mostrou que dos graduados, 30% eram analfabetos e menos de 10% tinham o nível de leitura apropriado à sua idade. Embora estivessem sendo educados sob o método oral, esses estudantes apresentavam muita dificuldade na leitura labial (CAPOVILLA, 2000).

Embora a corrente oralista tenha buscado, de alguma forma, “corrigir” o déficit auditivo, vimos que, ainda assim, seus desenvolvimentos não foram suficientes para promover ao surdo a aquisição da linguagem e o seu desenvolvimento natural. A partir do insucesso dessa filosofia, surgiram, então, novos métodos. Na sequência, veremos outro método que também fez parte do processo educacional dos surdos, a **Comunicação Total**.

► COMUNICAÇÃO TOTAL

Figura 2 - Sinal de Comunicação Total



Fonte: (MAIA, 2007, adaptado)



A partir dos anos 1960, as pesquisas de William Stokoe (1978), apontam que a língua de sinais possui uma estrutura que em muito se parece aquelas das línguas orais. O pesquisador, afirma que, assim como da combinação de um número restrito de sons (fonemas) é possível criar um número imenso de unidades com significado (palavras), com combinação de um número restrito de unidades mínimas na dimensão gestual (queremas) pode-se produzir um grande número de unidades com significados (sinais) (SILVA; NEMBRI, 2008).

Diante do fracasso da filosofia oralista, as pesquisas sobre a língua de sinais deram ensejo, na década de 1970, à perspectiva conhecida como **Comunicação Total**. Essa abordagem defendia o uso de todos os meios que pudessem facilitar a comunicação, que não apenas a língua oral, mas também o uso de sinais, leitura labial, alfabeto manual, alguns sistemas artificiais, ou códigos manuais, desenvolvidos com o objetivo de ensinar a leitura e escrita para estudantes surdos (SILVA; NEMBRI, 2008, CAPOVILLA, 2000). Os chamados códigos manuais eram muito semelhantes aos sinais metódicos criados por l'Epée, que tinham a finalidade de tornar a língua falada mais discernível ao surdo.

De acordo com Capovilla (2000, p.104), a Comunicação Total “advoga uso de um ou mais desses sistemas juntamente com a língua falada, com o objetivo básico de abrir canais de comunicação adicionais. É mais uma filosofia que se opõe ao oralismo estrito do que propriamente um método”. Vários desses sistemas foram desenvolvidos durante a vigência da Comunicação Total.

No entanto, a literatura engloba várias discordâncias sobre o sucesso educacional da comunicação total. Silva e Nembri (2008), ao citar Góes (1994), salienta que as restrições a ela e ao bimodalismo¹ acontecem basicamente em função de dois problemas: porque sua

¹ Uso simultâneo de sinais e de fala, proposta que desconsidera a língua de sinais e sua estrutura. Não confundir com Bilinguismo, proposta que considera a língua de sinais como língua natural e a utiliza para o ensino da língua escrita.



realização passou a se apoiar na utilização de sistemas que não são línguas e por que a prática pedagógica se orientou no sentido de privilegiar a aprendizagem da língua majoritária.

Para se verificar a eficácia da comunicação total, Silva e Nembri (2008) apontam que, durante os anos 1970 e 1980, uma série de pesquisas foi desenvolvida com esse objetivo.

O que se pode verificar é que no final do processo educacional, se comparado ao oralismo, há ganhos, visto que os surdos conseguiram se comunicar melhor. Entretanto, tanto a comunicação extra-escolar quanto à produção escrita continuaram a apresentar sérios problemas. A grande maioria dos surdos não alcançou autonomia na produção da linguagem, da mesma forma como também não atingiu níveis acadêmicos compatíveis com sua faixa etária. Embora a comunicação total tenha viabilizado ao surdo o acesso aos sinais, até então proibido pelo oralismo, este acesso não propiciou um efetivo aprendizado da língua de sinais, mas sim um apoio à língua oral (SILVA; NEMBRI, 2008, p.25).

Houve um saldo positivo durante a vigência dessa abordagem, observou-se uma melhora na comunicação entre surdos e ouvintes, porém, no que diz respeito as habilidades de leitura e escrita observou-se que elas continuavam insatisfatórias.

Capovilla (2000) cita um estudo realizado nos anos 1970, em Copenhague. O estudo teve, exatamente, o objetivo de tentar descobrir porque permaneciam os baixos rendimentos na leitura e escrita, desse método. No estudo, foi apresentada uma filmagem contendo aulas dadas por alguns professores que estavam justamente adotando a abordagem da comunicação total. Essas filmagens apresentavam os professores sinalizando e falando ao mesmo tempo (bimodalismo) e, para que os professores fossem colocados “na pele” de seus alunos surdos, decidiu-se apresentar essas filmagens, mas sem o áudio.



Os resultados desse estudo foram extremamente desconcertantes, por que os professores foram incapazes de reportar aos pesquisadores o que eles próprios estavam dizendo, isso porque, além de se apoiar nas pistas visuais, através da leitura labial, eles também estavam fazendo uso de um sistema artificial de sinais, mas de forma não muito consistente e, linguisticamente incompleta, o que impossibilitava a compreensão total da mensagem. Dessa maneira, acredita-se que isso estava por trás do insucesso da abordagem da comunicação total na educação de surdos.

► BILINGUISMO

Figura 3 - sinal de Bilinguismo



Fonte: (MAIA, 2007, adaptado)

Os avanços na linguística demonstraram que as línguas de sinais são línguas naturais e, por essa razão, poderiam ser usadas como língua de instrução na educação de surdos. Além disso, as pesquisas da linguística mostraram que, as línguas de sinais têm gramática muito complexas, e muito diferentes das línguas orais, o que torna, no entanto, inviável o uso da língua oral e da língua de sinais concomitantemente.



Diante do insucesso desse método e, com o desdobramento das pesquisas, assim como os resultados da prática pedagógica baseada na abordagem da comunicação total, fez surgir alternativas educativas na história da educação de surdos, uma nova filosofia, o chamado Bilinguismo (CAPOVILLA, 2000; SILVA; NEMBRI, 2008).

Vale destacar que, a educação bilíngue se afasta tanto dos pressupostos do oralismo, quanto dos da comunicação total. Ao dar importância para o canal espaço-visual como fator essencial para aquisição da linguagem, no caso da pessoa surda, essa nova abordagem descarta o oralismo (SILVA; NEMBRI, 2008).

Por outro lado, Capovilla (2000) e Silva e Nembri (2008) acrescentam que, essa filosofia defende o espaço da língua de sinais, advogando que cada uma das línguas seja apresentada e trabalhada sem simultaneidade, ou seja, exclui-se como objetivo da educação de surdos a oralização.

A proposta dessa nova filosofia é que se ensinem as duas línguas, começando pela de sinais e, passando a seguir, para a língua falada pela comunidade ouvinte. Em outras palavras, essa abordagem tem como objetivo não apenas desenvolver as habilidades da língua oral (modalidade escrita), mas também desenvolver habilidades na primeira língua, na língua de sinais, dos estudantes surdos.

De acordo com Silva e Nembri (2008, p.26), o bilinguismo enfatiza que seja utilizado de forma mais precoce possível a língua de sinais, com “o objetivo de se trazer aos surdos a possibilidade de comunicação, sem o prejuízo de ordem cognitiva, emocional e numa segunda etapa, o surdo se apoderaria de uma língua de modalidade oral, o que aconteceria sem o comprometimento da estrutura da primeira língua”.



O primeiro país a reconhecer os surdos como minoria linguística e a assegurar o direito de sua educação em língua falada e de sinais, concretizando o bilinguismo, foi a Suécia. Capovilla (2000) cita um relevante estudo realizado na Dinamarca, por Hansen (1990), que avaliou o desenvolvimento linguístico de nove crianças surdas educadas sob a filosofia do bilinguismo. Essas crianças foram acompanhadas dos 6 até os 14 anos. O objetivo desse estudo era exatamente analisar, o desenvolvimento tanto na primeira língua dessas crianças, a língua de sinais, quanto na segunda língua, a língua oral na modalidade escrita.

Os resultados desse estudo foram bastante animadores, dado que, aos 12 anos, 5 das 9 crianças apresentavam o nível de leitura compatível com o de crianças ouvintes da mesma faixa etária. Além disso, aos 14 anos, 7 das 9 crianças já conseguiram ler com certa fluência. Houve, também, uma grande expansão de vocabulário o que também teve uma excelente consequência para habilidade de leitura labial.

Esse estudo também revelou, além do desenvolvimento linguístico, um progresso geral das habilidades sociais, cognitivas e acadêmicas, bem como uma mudança na visão dos pais em relação a surdez de seus filhos, que passaram a encará-la não mais como uma deficiência, mas sim como uma diferença linguística.

Para finalizar, cabe ressaltar que a educação bilíngue do surdo deve excluir o objetivo de levá-lo a ser capaz de articular a fala. Assim, o surdo deve ser capaz de usar o meio de expressão que seja adequado à situação e com o qual ele se sinta mais confortável. Além disso, usando as palavras de Silva e Nembri (2008, p. 30), “que as pessoas passem a ser encaradas em função da sua própria condição humana, e não a partir do caráter eminentemente restritivo da surdez”.



BOAS PRÁTICAS

- Se você souber alguns sinais de LIBRAS, tente usá-los. Se a pessoa surda tiver dificuldade em entender, avisará. De modo geral, suas tentativas serão apreciadas e estimuladas;
- Ao utilizar materiais audiovisuais, certifique-se que estes possuem legendas.

ATIVIDADE PARA REFLEXÃO

Chegamos ao final de nossa aula, agora que você já conhece as três filosofias educacionais usadas na educação de surdos ao longo da história, descreva quais os principais impactos cada filosofia apresenta na educação das pessoas surdas e, compartilhe com seus colegas seu ponto de vista.

INDICAÇÃO DE FILMES

- O país dos Surdos. Direção: Nicolas Philibert, 1993.
- Filhos do Silêncio. Direção: Randa Haines, 1986.
- A Família Bélier. Direção: Eric Lartigau, 2014.

INDICAÇÃO DE BIBLIOTECAS DIGITAIS

- BIBLIOLIBRAS - uma biblioteca bilíngue de literatura infantil e juvenil em Libras e Português.
- Repositório Digital Huet - uma biblioteca digital com materiais em Libras e Português para e sobre educação de surdos.



SÍNTESE DA AULA

- ▶ Em síntese, discutimos na aula de hoje sobre a visão dos surdos para importantes filósofos e como ela influenciou um dos métodos de educação de surdos utilizados atualmente. Abordamos quais eram as concepções sobre a surdez. Conhecemos também as três diferentes filosofias educacionais usadas na educação de surdos, isto é, o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo, métodos que possuem formas distintas de avaliar a língua de sinais. E finalizamos analisando os impactos das filosofias educacionais para a pessoa surda.

LEITURAS COMPLEMENTARES

▶ Para conhecer um pouco mais sobre a história da educação de Surdos, leia:

STROBEL, Karin. História da Educação de Surdos. Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade à distância. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009

Acesse: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf

REFERÊNCIAS

▶ ATAS: CONGRESSO DE MILÃO [de] 1880 – Rio de Janeiro: INES, 2011.

CAPOVILLA, Fernando César. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 6, n. 1, p.99-116, 2000.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Esclarecendo as deficiências**. São Paulo: Cirando Cultural, 2009.

MAIA, Shirley Rodrigues. **Deficiência auditiva/Surdez**. São Paulo, 2007.

PORFÍRIO, Francisco. **“Aristóteles”**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/aristoteles.htm>. Acesso em 25 de novembro de 2020.

SILVA, Angela Carrancho da.; NEMBRI, Armando Guimarães. **Ouvindo o silêncio: Surdez, Linguagem e educação**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A educação do surdo no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2ª ed., 2005.

AULA 4

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Caro estudante,
Nesta aula, abordaremos, as discussões referentes à constituição dos sinais na Libras, discriminando as unidades mínimas que os compõem. Na sequência, trataremos da motivação icônica por trás da criação dos sinais, destacando alguns traços icônicos na representação dos sinais em língua de sinais. Os objetivos desta aula são:

- Explicar como se constituem os sinais na Libras;
- Conhecer algumas motivações nas criações dos sinais.

Bons estudos!

Especialização em
Educação Inclusiva

A FORMAÇÃO DOS SINAIS



CONTEÚDO E SEUS DESDOBRAMENTOS

▶ A LIBRAS E A ORGANIZAÇÃO DOS SINAIS

Há diversas pessoas que acreditam que a Libras é apenas um conjunto de gestos que interpretam o português, ou que a Libras é o português realizado com as mãos, no qual os sinais irão somente substituir as palavras dele. O que não é verdade!

Outras pessoas ainda acreditam que a Libras, de fato, é uma língua, mas limitada, ou seja, é uma língua, mas é incapaz de transmitir ideias abstratas, somente informações concretas. O que, também, não é verdade!

A partir das pesquisas de William Stokoe em 1960, a língua de sinais passa a ser, verdadeiramente, comparáveis em complexidade e expressividade a quaisquer línguas orais, pois expressam ideias sutis, complexas e abstratas. Além disso, seus usuários podem discutir filosofia, literatura ou política, questões relacionadas à esportes, trabalho, moda e utilizá-la com função estética para fazer poesias, contar histórias, criar peças de teatro e humor (FELIPE; MONTEIRO, 2007).

A Libras possui um sistema linguístico estruturado, organizado e, totalmente, independente do português. No nível fonológico, por exemplo, estão os fonemas, esses possuem apenas valor contrastivo, que não contêm significado.

As línguas, de modo de geral, apresentam uma semelhança entre si, quer dizer, todas são estruturadas a partir de unidades mínimas que formam unidades mais complexas, ou seja, todas possuem os seguintes níveis linguísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico (FELIPE; MONTEIRO, 2007).

É importante deixar claro que, nas línguas orais o que denominamos de 'palavra', são chamados de 'sinais' nas línguas de sinais. No português, por exemplo, os fonemas /c/ /l/ /s/ /a/ /e/ /o/

podem se combinar e formar a palavra 'escola', correto? Mas, na Libras como isso ocorre? O sinal pode ser subdividido? Quais suas unidades mínimas?

Hoje, irei te apresentar como os sinais na Libras estão organizados. Vamos lá!

A CONSTITUIÇÃO DOS SINAIS NA LIBRAS

A Libras possui estrutura gramatical constituída com base em alguns parâmetros que estruturam sua formação nos diferentes níveis linguísticos, bem como fonético-fonológico, sintático, semântico, morfológico e pragmático. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), há uma diferença básica entre língua de sinais e língua oral, que está ligado à sequencialidade da organização dos elementos das línguas de sinais. As línguas orais apresentam uma ordem linear entre os fonemas, ao passo que, nas línguas de sinais a verificação dos traços da linearidade, tornam-se mais complexos, porque sua sequencialidade segue uma ordem para produção final do sinal, ou seja, os parâmetros, que são as unidades mínimas do sinal, vão sendo combinados sequencialmente para então serem produzidos, aparentemente, de forma simultânea.

Na Libras, segundo Felipe e Monteiro (2007), as unidades mínimas dos sinais são basicamente formadas a partir da combinação do movimento das mãos, com um determinado formato, em um determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo, ou um espaço em frente ao corpo.

Para Campello (2011), “assim como a língua oral, o som, fonologicamente, por si só, não expressa nenhum significado, assim também acontece com os sinais da língua de sinais [...] Na composição dos sinais da língua de sinais, **os parâmetros** são combinados para dar um significado” (CAMPELLO, 2011, p.16, grifo nosso).

















Baseado nos trabalhos de Ferreira-Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004) destacamos os cinco parâmetros da Libras, a saber: Configuração da(s) mão(s) (CM), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (M), Orientação da palma da mão (OP) e Expressões não-manuais (ENM). Veja detalhadamente as propriedades desses parâmetros.

Configuração da(s) mão(s) (CM): são as diversas formas particulares que a(s) mão(s) toma(m) na realização dos sinais, ligado aos parâmetros de movimento e de locação (ponto de articulação). Alguns pesquisadores apresentam formas e quantidades distintas de CMs, dos quais destacamos Ferreira-Brito (1995) com 46 CMs, Castro (2006) com 61 CMs e Felipe (2007) com 64 CMs. Observe, tais CMs nas figuras 1, 2 e 3, a seguir:



Figura 1 - Quadro com 46 Configurações Manuais

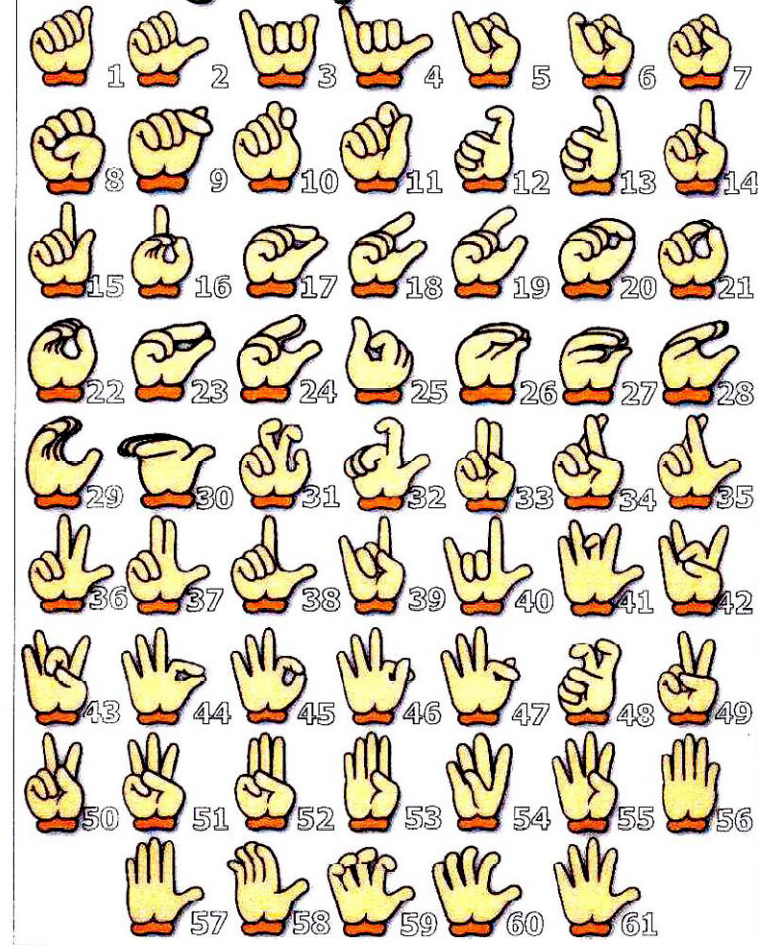
1	2	3	4	5	6	
 [B]	 [A]	 [G]	 [C]	 [5]	 [V]	
 [B̃]	 [Ā]	 [G ₁]	 [Ĉ]	 [5 ₄]	 [Ṽ]	
 [B _b]	 [A ₆]	 [G ₂]		 [5̂]		
 [B̂]	 [Â]	 [Ĝ]		 [5̃]		
7	8	9	10	11	12	
 [O]	 [F]	 [X]	 [H]	 [3]	 [M]	
 [Ô]	 [F̂]		 [Ĥ]	 [3̂]	 [M̂]	
 [bO]	 [F̃]		 [Ĥ̂]	 [3̃]	 [M̃]	
13	14	15	16	17	18	19
 [α]	 [K]	 [I]	 [R]	 [W]	 [L]	 [E]
 [α̂]	 [K̂]				 [L̂]	

Fonte: Ferreira-Brito (1995)



Figura 2 - Quadro com 61 Configurações Manuais

Configurações de Mãos



Fonte: Castro (2006)



Figura 3 - Quadro com 64 Configurações Manuais



Felipe, Tanya. Dicionário da Libras,
Versão 2.0 - 2005.

Fonte: Felipe e Monteiro (2007)



Ponto de Articulação (PA): esse parâmetro refere-se ao local onde a mão já configurada é posicionada. O parâmetro PA abrange tanto os pontos no corpo do sinalizante, os pontos próximos ao corpo e, à frente do sinalizante (espaço neutro). De acordo com Ferreira-Brito e Langevin (1995, p.216), os PAs se restringem às regiões da cabeça, tronco, braços, mão e espaço neutro. Vejamos, no quadro 1, abaixo, os PAs referentes a cada uma das regiões:

Quadro 1- Pontos de Articulação da Libras

CABEÇA	topo da cabeça; testa; rosto; parte superior do rosto; parte inferior do rosto; orelha; olhos; nariz; boca; bochechas; queixo; zona abaixo do queixo.
TRONCO	pescoço; ombros; busto; estômago; cintura.
BRAÇOS	braço; antebraço; cotovelo; pulso.
MÃO	palma; costas da mão; lado do indicador; lado do dedo mínimo; dedos; ponta dos dedos; nós dos dedos (junção entre os dedos e a mão); nós dos dedos (primeira junta dos dedos); dedo mínimo; anular; dedo médio; indicador; polegar; interstícios entre os dedos; interstício entre o polegar e o indicador; interstício entre o indicador e médio; interstício entre o médio e o anular; interstício entre o anular e o mínimo.
ESPAÇO NEUTRO	

Fonte: Ferreira-Brito e Langevin (1995, p.216)

Movimento (M): o movimento é visto como um parâmetro complexo que poderá envolver uma grande gama de formas e direções, desde movimentos internos da mão, movimentos do pulso e movimentos direcionais no espaço (QUADROS & KARNOPP, 2004). A seguir, podemos observar no quadro 2, os tipos de movimentos expressos na Libras:

Quadro 2 – Movimentos na Libras

TIPO	DIRECIONALIDADE
<p>Contorno ou forma geométrica: retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual.</p> <p>Interação: alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado.</p> <p>Contato: de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar. Torcedura de pulso: rotação, com refreamento.</p> <p>Dobramento de pulso: para cima, para baixo.</p> <p>Interno das mãos: abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo).</p>	<p>Direcional</p> <p>- Unidirecional: para cima, para baixo, para direita, para esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para a lateral inferior esquerda, para a lateral inferior direita, para a lateral superior esquerda, para a lateral superior direita, para específico ponto referencial.</p> <p>- Bidirecional: para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, para dentro e para fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda.</p> <p>Não-direcional</p>
MANEIRA	FREQUÊNCIA
<p>Qualidade, tensão e velocidade</p> <ul style="list-style-type: none"> - Contínuo; - De retenção; - Refreado; 	<p>Repetição</p> <ul style="list-style-type: none"> - Simples - Repetido

Fonte: Ferreira-Brito e Langevin (1995)



Orientação da palma da mão (OP): esse parâmetro diz respeito à “direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.57). Ferreira-Brito (1995, p.41) enumera seis tipos de orientações da palma da mão, a saber: “para cima, para baixo, para o corpo [para trás], para a frente, para a esquerda ou para a direita”. A autora destaca que durante a realização do movimento pode ocorrer mudança na orientação da mão.

Expressões não-manuais (ENM): as expressões não-manuais, isto é, o movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco, consideradas parâmetros secundários, são também importantes na organização fonológica dos sinais (FERREIRA-BRITO, 1995). Esse parâmetro, segundo Quadros e Karnopp (2004), pode expressar as diferenças entre sentenças afirmativas, interrogativas, exclamativas, topicalizações, concordância e foco. Vejamos, no quadro 3, os tipos de ENM na Libras.

Quadro 3 - Expressões não-manuais na Libras

ROSTO
PARTE SUPERIOR <ul style="list-style-type: none">- sobrelhas franzidas- olhos arregalados- lance de olhos- sobrelhas levantadas
PARTE INFERIOR <ul style="list-style-type: none">- bochechas infladas- bochechas contraídas- lábios contraídos e projetados e sobrelhas franzidas- correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha- apenas bochecha inflada- contração do lábio superior- franzir nariz



CABEÇA
<ul style="list-style-type: none"> - balanceamento para frente e para trás (sim) - balanceamento para os lados (não) - inclinação para a frente - inclinação para o lado - inclinação para trás
ROSTO E CABEÇA
<ul style="list-style-type: none"> - cabeça projetada para a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas - cabeça projetada para trás e olhos arregalados
TRONCO
<ul style="list-style-type: none"> - para frente - para trás - balanceamento alternado dos ombros - balanceamento simultâneo dos ombros - balanceamento de um único ombro

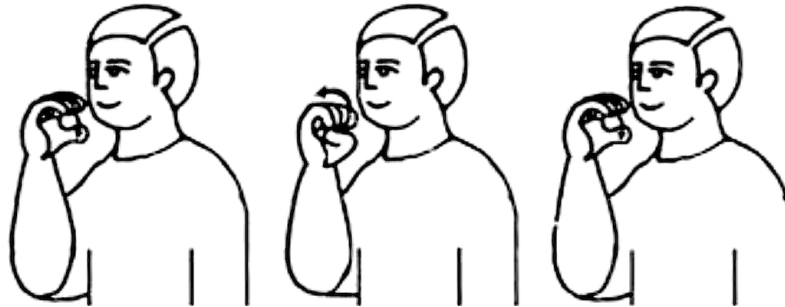
Fonte: Ferreira-Brito e Langevin (1995)

Vale destacar que as ENM são muito importantes na língua de sinais, sobretudo, para as análises fonológicas na perspectiva da teoria prosódica. Na combinação destes cinco parâmetros, forma-se o sinal. Falar com as mãos é, portanto, combinar estes elementos para formarem os sinais e estes formarem as frases em um contexto.

De posse do conhecimento das combinações dos parâmetros na formação de sinais, exemplificaremos, agora, cada unidade mínima do sinal LARANJA.



Figura 4 - sinal LARANJA



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 1543)

O sinal LARANJA, é realizado com a CM de número 7 (ver figura 2), PA na boca, M de abrir e fechar, OP para a esquerda e ENM neutra (alguns casos pode apresentar ENM de sucção). Assim é feita a descrição fundamentada nos parâmetros da Libras.



ATIVIDADE DE APRENDIZAGEM

Para cada parâmetro apresentado, selecione três tipos de cada unidade, em seguida, faça uma busca na internet, ou no app indicado ao final desta aula, e encontre no mínimo um sinal que corresponda a cada parâmetro.

▶ **TRAÇOS ICÔNICOS NA LÍNGUA DE SINAIS**

Agora que você já compreendeu como é constituído o sinal na Libras, você irá conhecer algumas motivações nas criações dos sinais e como elas estão fortemente manifestadas, sendo marcadas por aspectos que, à época de sua criação, foram mais evidentes. Vamos estudar sobre traços icônicos na representação dos sinais. Destacamos traços icônicos da comunidade surda brasileira, colombiana, argentina e portuguesa.

Os traços icônicos considerados relevantes por uma sociedade ao criar um sinal, não necessariamente serão salientes para outra sociedade, estes poderão também ser entendidos como icônicos, mas não importantes o suficiente para serem escolhidos para representar a ideia no sinal.

Na figura 5, a seguir, apresentamos os sinais para SUPERMERCADO em duas línguas de sinais: na Libras e na Língua de Sinais Colombiana (LSC). Embora os sinais para SUPERMERCADO, em ambas as línguas de sinais, possuam formas diferentes, a presença das motivações icônicas é evidente e nestes casos está ligada a traços culturais. Na Libras, o sinal foi motivado a partir da ação de empurrar o carrinho de compras usado nos supermercados dos centros urbanos brasileiros. E na LSC o sinal foi motivado a partir da ação de pendurar a canastra – cesta de vime trançada – no braço para fazer compras nos supermercados colombianos, ação que atualmente está em desuso, no entanto o sinal foi preservado. Nota-se então que os referentes e os sinais convencionados em cada região são distintos e, a despeito da distinção, a iconicidade permanece.

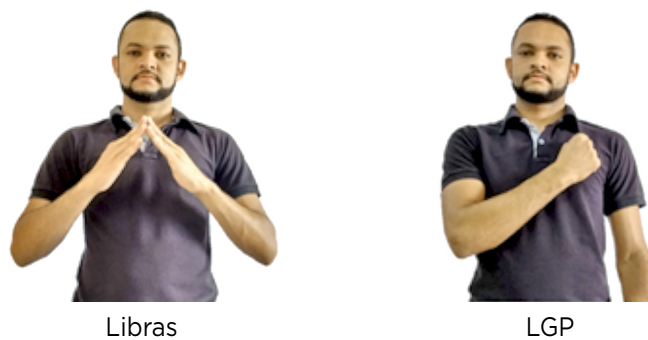
Figura 5 - Sinal de SUPERMERCADO



Fonte: De autoria própria.

A seleção do aspecto mais evidente mencionado por Kogut (2015) é perceptível também nos exemplos dos sinais de CASA, em Libras e em Língua Gestual Portuguesa (LGP), na figura 6, e de ÁRVORE, em Libras e em Língua de Sinais Argentina (LSA), na figura 7. No primeiro caso, o sinal CASA em Libras é motivado a partir dos modelos clássicos de telhados de casas brasileiras. E no segundo, em LGP, não encontramos sua real motivação. Segue a ilustração da figura 6.

Figura 6 - Sinal de CASA

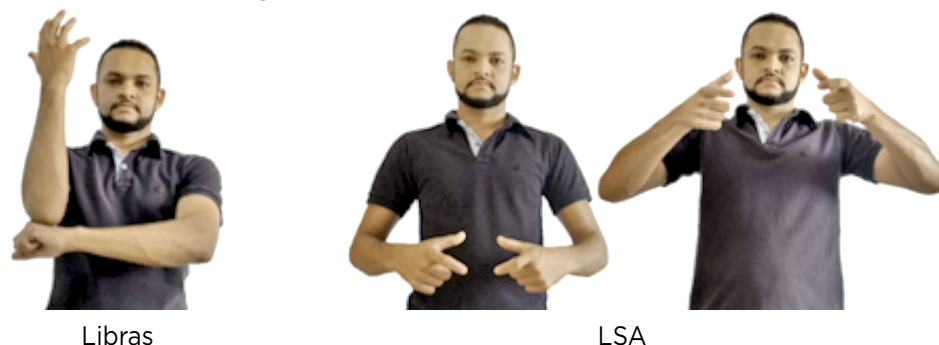


Fonte: De autoria própria.



Na figura 7, verificamos que na Libras o sinal de ÁRVORE tem como aspecto saliente, o tronco e a copa da árvore na representação do sinal, ao passo que na LSA o traço icônico é representado especificamente pelo tronco da árvore.

Figura 7 - Sinal de ÁRVORE



Libras

LSA

Fonte: ??????????

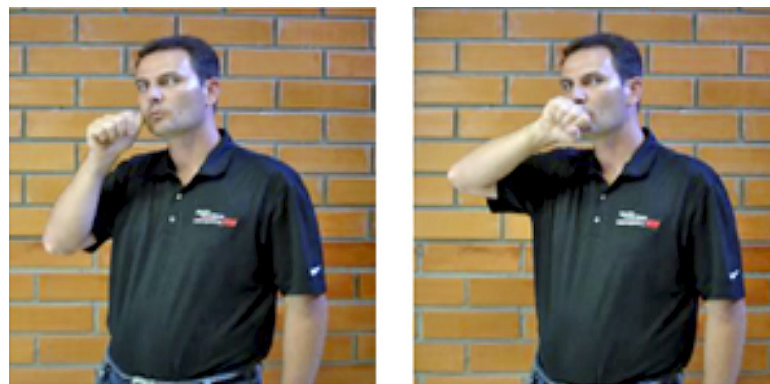
Vale ressaltar que a iconicidade do signo pode, com o tempo, desaparecer. Assim como a língua, a cultura também está em constante modificação, pois de acordo com Sapir (1969, p.59) “a mudança cultural e a mudança linguística não correm ao longo de linhas paralelas e portanto não tendem a se manter numa relação causal íntima”. Nesse sentido, Nascimento e Correia (2011, p.22) destacam que “a maioria dos signos pode começar por ter motivação, mas à medida que se vai integrando na língua, torna-se convencional e os traços que os motivaram tornam-se invisíveis”. Sendo assim, aquilo que pode ser icônico para a sociedade moderna, amanhã poderá ser arbitrário, ou seja, o sinal ao perder seus traços motivacionais, conseqüentemente se tornará um signo não-icônico, na perspectiva das novas gerações.

Para Schmitt (2013), o sinal de “benção” usado na composição dos sinais MÃE e PAI, tende a perder seus traços motivacionais, principalmente para as crianças em fase de aquisição da língua de sinais. O autor destaca que esses sinais podem ser até resgatados na memória dos



surdos adultos, mas, dificilmente o será nas crianças que estão adquirindo a língua de sinais, e por não verem a ação de beijar a mão, não a repetirão. Logo, a essas crianças o sinal se tornará um signo arbitrário. Observe, na figura 8, o sinal de MÃE.

Figura 8 - Sinal de MÃE



Fonte: Schmitt (2013, p.37)

Além de todas as observações relacionadas à iconicidade dos sinais aqui expostas, ressaltamos que todos os sinais, quer sejam icônicos quer sejam arbitrários, são passíveis de substituição de suas formas. Nesse sentido, destacamos que é comum o surgimento de novas formas para a representação dos sinais. No entanto, isso implica em algumas possibilidades de representar um signo (variação) ou na substituição da forma antiga pela nova (mudança).

Para finalizar, a aula de hoje, em resumo, você aprendeu como ocorre a formação dos sinais na Libras, isto é, as unidades mínimas que compõem os sinais. Além disso, aprendemos que cada sociedade seleciona um aspecto relevante para representar seus sinais, sendo muitas vezes facilmente identificados os seus traços icônicos.



Baseado nos traços icônicos que você observou na aula, liste cinco sinais da Libras e tente descrever quais as possíveis motivações eles possuem, segundo suas representações icônicas.

BOAS PRÁTICAS

- Se tiver um aluno que faça a leitura labial, para facilitar a leitura fale de frente e próximo a esse estudante. Não fale de costas, por exemplo, ao escrever no quadro da sala de aula ou quando posicionar-se ao fundo da sala.
- Além da acessibilidade pedagógica, as aulas de revisão antes das avaliações podem ajudar no rendimento dos alunos com deficiência.

INDICAÇÃO DE APLICATIVO

Para facilitar o seu acesso a diversos sinais em Libras, sugiro que baixe o aplicativo **Hand Talk**.

O Hand Talk é um app que converte conteúdos em português (texto ou áudio) para a Libras. É gratuito e pode ser usado em smartphones e tablets.

Basta clicar, abaixo, no link de sua loja de apps.

Google Play: <https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.handtalk>

App Store: <https://apps.apple.com/br/app/hand-talk-tradutor-portugues/id659816995>



REFERÊNCIAS

- ▶ CAMPELLO, A. R. S. A constituição histórica da Língua de Sinais Brasileira: século XVIII a XXI. **Revista Mundo & Letras**, José Bonifácio/SP, v. 2, p. 8-25, 2011.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras**: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira. vol. 2. 3.ed. São Paulo: Editora EDUSP, 2013.
- CASTRO, N. P. **Configurações de Mão em Libras**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.
- FELIPE, T. A; MONTEIRO, M. S. **Libras em Contexto**: curso básico, livro do professor instrutor. Brasília: Programa nacional de apoio à educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2007.
- FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FERREIRA-BRITO, L.; LANGEVIN, R. Sistema Ferreira Brito-Langevin de transcrição de sinais. In: FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- NASCIMENTO, S. P. F. do; CORREIA, M. **Um olhar sobre a morfologia dos gestos**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.
- QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SAPIR, E. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969. Tradução de J. Mattoso Câmara Jr.
- SCHMITT, D. **A história da língua de sinais em Santa Catarina**: contextos sócio-históricos e sociolinguísticos de surdos de 1946 a 2010. 2013. 228f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2013.